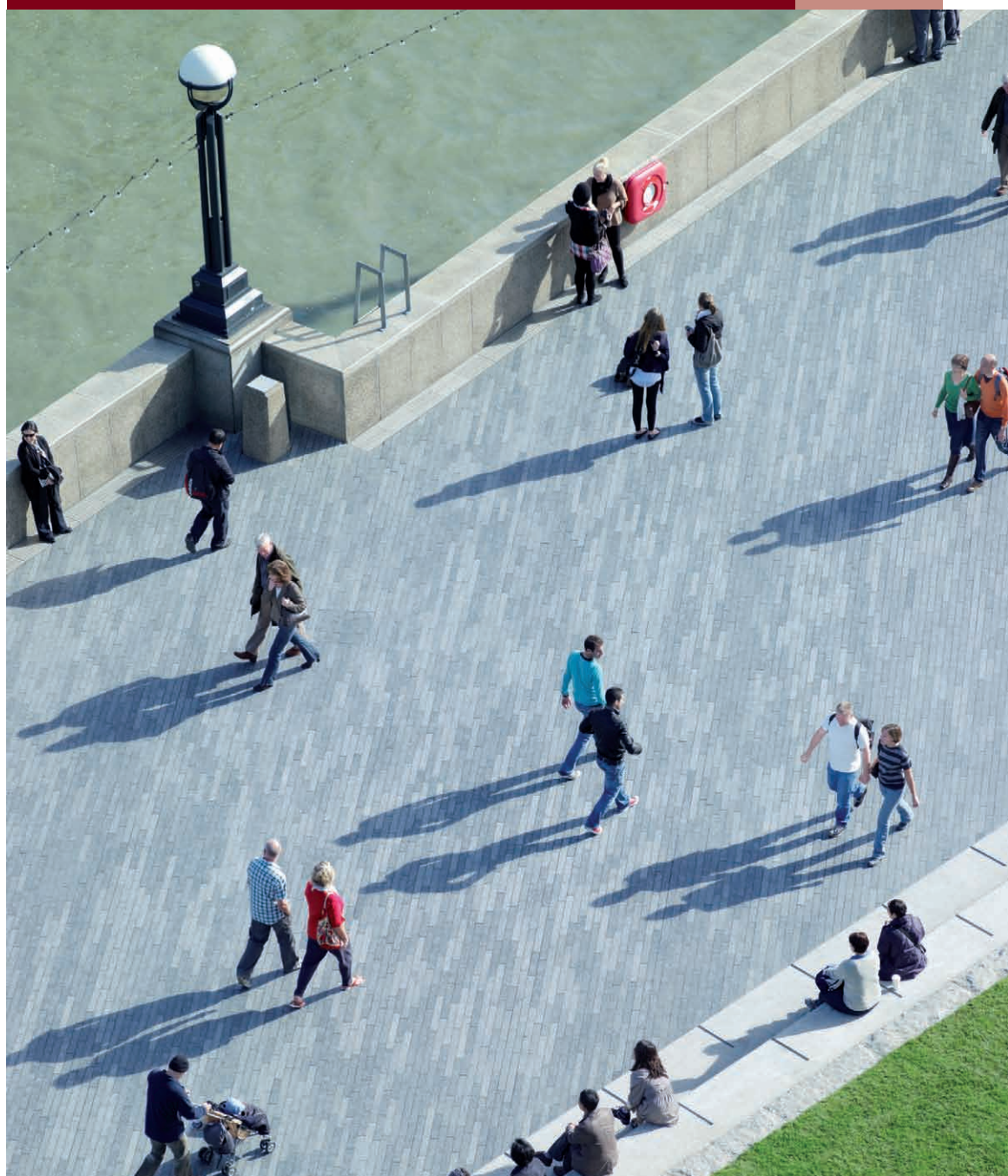


Países como nós

*Uma iniciativa PwC
e jornal Expresso,
que compara países
semelhantes a Portugal
em população ou PIB*

Maio 2011



Portugal entre iguais

Eis a análise que faltava: olhar Portugal pelas lentes de países iguais. Quer dizer, comparar Portugal sem as desculpas habituais ou os absurdos de medir o que fazemos pela performance de gigantes como os Estados Unidos da América. Ou mesmo a Espanha, aqui ao lado. Neste estudo, Portugal vai medir-se entre iguais.

Os critérios que a equipa liderada por Diogo Freitas do Amaral usou são bem simples: países parecidos em população ou PIB. E as conclusões são igualmente claras: onde eles conseguem resultados melhores, estas páginas tentarão perceber porque se falha do lado de cá. Em todas as comparações em que Portugal lidera, estas páginas sublinharão essas virtudes. Um trabalho do Expresso e da PwC para conhecer Portugal. E fazer melhor, sem desculpas.



Carlos Lourenço
Senior Partner PwC Portugal

O que espera a PwC do projeto “Países como nós”?

Este projeto surge da constatação de que Portugal deve comparar-se com os seus semelhantes, e não com aqueles que, por vicissitudes históricas ou geográficas, se encontram hoje em condições não comparáveis com as nossas. Queremos objetivar as possibilidades de aprendizagem que a comparação com países semelhantes possibilita – mas também demonstrar que não nos encontramos tão distantes dos melhores desses “Países como nós”.

Um trabalho com objetivos, é isso?

Esta consciencialização é fundamental para, coletivamente, ultrapassarmos o pessimismo a que o presente clima económico facilmente nos pode induzir. É essencial consensualizar objetivos coletivos que, apesar de exigentes, são realistas – este projeto mostra-nos os países que, sendo como nós em PIB ou população, já os alcançaram. Isso permitirá um novo alento, um renovar de opções e orientações. Um destes países, iguais a nós, mas que esteja hoje mais bem posicionado, deverá ser um referencial de curto prazo. E chegar lá deverá ser uma ambição nacional.

Qual o contributo da PwC?

Confrontada com a ideia, a PwC não hesitou em colocar ao serviço do projeto a sua capacidade de identificação, integração e análise dos dados e as suas competências analíticas e de reflexão estratégicas, contribuindo para a sua seleção e para a identificação dos fatores e valências que mais os distinguem. Adivulgação pública desse trabalho é o primeiro passo na seleção desse referencial coletivo. Como se diz no automobilismo, o carro segue os olhos do piloto.

O projeto tem relevância na estratégia da PwC, portanto...

Sim, é um contributo que corresponde, também, a algo que a equipa do projeto identificou como mais-valia de muitos países – um forte compromisso da sociedade civil, no exercício de uma cidadania responsável e atuante, com direitos, mas também com deveres – característica pouco consolidada na cultura nacional.



Diogo Freitas do Amaral

Porquê este projeto?

Quando vivi um ano em Nova Iorque, na presidência da Assembleia Geral da ONU (1995-96), pude refletir, com algum tempo, sobre as estatísticas comparadas, por países, do FMI, do Banco Mundial e das próprias Nações Unidas (“Relatórios do desenvolvimento humano”). Fui logo ver, como é natural, como é que Portugal se colocava face aos restantes países, quer em termos de desenvolvimento económico quer sob a perspetiva da qualidade de vida. Fiquei satisfeito, patrioticamente, por pertencermos ao terço superior da humanidade; em contrapartida, fiquei muito dececionado quando vi que numerosos países da nossa dimensão (± 10 milhões de habitantes) ou com um PIB próximo do nosso estavam muito melhor do que Portugal em vários aspetos importantes, tanto no plano económico como no social, cultural e ambiental.

Tomei então a decisão mental de, uma vez regressado a Portugal, procurar comparar algumas estatísticas básicas referentes ao nosso país com as de outros países mais parecidos connosco. E concluí que não vale muito a pena estarmos sempre a comparar-nos com a França, com a Inglaterra ou com a Alemanha; não só porque sempre foram mais avançados e mais ricos do que nós, mas também porque, dispondo de uma população cinco vezes (ou mais) maior do que importantes economias de escala, de um mercado interno muito mais amplo e de custos fixos de soberania mais diluíveis na despesa global.

Comecei então, com o novo milénio, a convencer-me de que, pelo menos para certos efeitos, o que seria mais útil, para definir objetivos de desenvolvimento viáveis, era comparar os números de Portugal com outros países como nós, ou seja, com uma população igual ou um pouco inferior à nossa e/ou com um PIB *per capita* não muito diferente do nosso. E fazer as comparações dentro desse grupo restrito de países (“países como nós”), para tentar saber duas coisas: em que aspetos é que estávamos melhor do que eles – e onde, portanto, devíamos procurar manter tal posição; e em que aspetos é que estávamos pior do que os outros parecidos connosco – e onde, portanto, devíamos esforçar-nos por atingir, ou até ultrapassar,

os números deles. Cheguei mesmo a redigir um pequeno livro com os resultados da análise a que procedi: intitulava-se “Portugal nas estatísticas internacionais. Números e comentários”, Lisboa 2002. Porém, alguns amigos a quem mostrei esse trabalho, achando que a ideia era boa, desaconselharam a publicação da versão inicial, por variadas razões – a seleção dos países não era a melhor; as fontes não eram as mesmas para todas as rubricas tratadas; faltava-me o apoio de quem tivesse uma especialização em estatística; etc. Resolvi seguir esses sábios conselhos. Fiquei a aguardar melhor oportunidade. Essa oportunidade surgiu em 2010, após uma conversa minha com o Martim Avillez Figueiredo (de quem sou amigo há mais de uma década), e dele com o Ricardo Costa, e do Expresso com a PwC. Começámos a trabalhar em equipa, às 3^{as} feiras, a partir de janeiro de 2011, e o resultado são as páginas “Países como nós” que o Expresso publicará, a partir do próximo sábado, regularmente, ao longo de 10 semanas.

Veja na internet o dossiê “países como nós” em: www.expresso.pt/paisescomonos

Os países escolhidos pelo grupo a que tive o gosto de presidir foram os seguintes: Bélgica, República Checa, Chile, Irlanda, Finlândia, Grécia, Nova Zelândia, Croácia e Áustria. (Ponderámos ainda outros “como nós” – Suécia, Hungria, Bulgária e Cuba –, mas excluímo-los por serem menos comparáveis ou por terem um PIB *per capita* muito inferior, ou muito superior ao nosso).

O trabalho desta equipa decorreu dentro do melhor ambiente e em clima de constantes surpresas..., o que é sempre estimulante. Estou certo de que este trabalho será útil a Portugal e aos portugueses. Não só pelo muito que nos vai revelar, mas também pelo muito mais que certamente irá provocar – debate, controvérsia, e muitos aprofundamentos. Este exercício não é apenas uma série de fotografias da realidade; é um desafio sério lançado aos leitores do Expresso e à opinião pública em geral.

Portugal entre iguais

Irlanda

Dublin

€36.726

PIB "per capita"

Dívida do Estado (% do PIB)

97,4%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos no dia 26 de abril de 2011: 10,5%

Bélgica

Bruxelas

€31.418

PIB "per capita"

Dívida do Estado (% do PIB)

98,6%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 26 de abril de 2011: 4,3%

Portugal

Lisboa

€15.758

PIB "per capita"

Dívida do Estado (% do PIB)

93%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos a 26 de abril de 2011: 9,6%

Chile

Santiago do Chile

€6.938

PIB "per capita"

Dívida do Estado (% do PIB)

22,1%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos no dia 26 de abril de 2011: 3,6%

Finlândia

Helsínquia

€32.072

PIB “per capita”

Dívida do Estado (% do PIB)

49%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos no dia 26 de abril de 2011: 3,6%

Répubblica Checa

Praga

€13.049

PIB “per capita”

Dívida do Estado (% do PIB)

40%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos no dia 26 de abril de 2011: 4%

Aústria

Viena

€32.778

PIB “per capita”

Dívida do Estado (% do PIB)

70,4%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos no dia 26 de abril de 2011: 3,7%

Croácia

Zagreb

€10.232

PIB “per capita”

Dívida do Estado (% do PIB)

35,9%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos no dia 26 de abril de 2011: 5,5%

Grécia

Atenas

€21.036

PIB “per capita”

Dívida do Estado (% do PIB)

140,2%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos no dia 26 de abril de 2011: 15,3%

Nova Zelândia

Wellington

€21.117

PIB “per capita”

Dívida do Estado (% do PIB)

31%

Taxa de juro das Obrigações do Tesouro a 10 anos no dia 26 de abril de 2011: 5,7%

PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões
--

BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	IRLANDA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões
---	--	---	--	--	--	---	---	--

Portugal vs. Bélgica

Portugal	Bélgica
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	1.415
Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	2.039
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	5.468
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	32.493
Taxa efetiva total (%)	
19,8	18,8

* Rendimento anual do agregado. Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

1,7 milhões

é um número para encher de orgulho os portugueses: os nossos museus são mais visitados do que os belgas – onde os cinco principais museus receberam um milhão de visitas.

A história

A história e a geografia são fundamentais na tentativa de explicar porque é que um país com a dimensão da Bélgica tem uma economia que se encontra entre as mais pujantes do mundo. Foi aqui que, no início do século XIX, arrancou a revolução industrial na Europa continental. As vias de comunicação marítima e fluvial, as reservas de carvão e o fluxo de matéria-prima gratuita, oriunda do Congo, foram os grandes estímulos da altura. A localização na área de mais intensa atividade comercial entre países à escala mundial e, mais particularmente, a proximidade com a Alemanha explicam outra grande parte desta história de sucesso. Uma receita a que há que acrescentar a vontade de muitas empresas se instalarem perto dos centros de decisão europeus. A forte descentralização e a margem de manobra das regiões, Flandres e Valónia, na gestão de incentivos para dinamizar as suas economias são peças fulcrais do motor económico do país. A recente instalação da Google e da Microsoft no país são exemplo disso. Alie-se a isto um sistema de ensino eficaz, que gerou um capital humano qualificado e com enorme capacidade de iniciativa empresarial, e percebe-se melhor como é que o “petit plat pays” de Brel se tornou líder mundial em áreas como a indústria farmacêutica, de armamento e aeronáutica ou em nichos altamente especializados, como a reciclagem de produtos eletrónicos.

Dívida alta

A Bélgica tem historicamente uma das dívidas públicas mais elevadas da União Europeia. Mas os mercados financeiros olham para o país com uma quase ‘benevolência’. Para Paul de Grauwe, professor da Universidade Católica de Louvaina, a diferença principal reside no facto de a dívida belga ser elevada, “mas estável”, enquanto a portuguesa tem um crescimento “explosivo”: “os mercados questionam não o nível da dívida, mas a capacidade de o Governo português

travar esta dinâmica, questão que não se coloca na Bélgica”, explica. Jean Hindriks, analista do Itinera Institute, um *think tank* belga, explica que, apesar de cerca de metade da dívida do país estar nas mãos de investidores estrangeiros, estes são tranquilizados pelos excedentes comerciais acumulados pela Bélgica ao longo de 20 anos. Além disso, a Bélgica apresenta uma das taxas de poupança privada mais elevadas da União, “suficiente para financiar o défice público”. A somar a isto, e no extremo oposto, a Bélgica apresenta o endividamento privado, de famílias e empresas, mais baixo da União. A confiança dos investidores é igualmente reforçada pelo dinamismo económico do país.

Exportar mais

“A Alemanha é a locomotiva da Europa e a Bélgica é a primeira carruagem”, é com esta imagem que Jean Hindriks explica o comportamento da economia belga na reação à crise e a sua capacidade exportadora, o esteio do seu dinamismo. Tanto as importações como as exportações correspondem a cerca de 80% do PIB nacional, o que atesta o elevado grau de abertura da economia do país. A tradição de trocas comerciais com os países vizinhos deu origem a um tecido empresarial assente em filiais, parcerias e investimentos cruzados que reforçam esta integração. A localização geográfica volta a ser determinante na hora de explicar a vocação exportadora do país, sobretudo a proximidade do poderoso vizinho germânico, que leva Hindriks a descrever a Bélgica como o ‘subempreiteiro’ da indústria alemã. A indústria química e farmacêutica são exemplos desta proximidade. Uma avaliação corroborada por de Grauwe, para quem a abertura do país e a localização permitiram às empresas belgas beneficiarem das economias de escala proporcionadas por mercados tão importantes como o alemão, o francês ou o britânico.

Expresso, 12 de março de 2011

21% é a percentagem da população que tem entre 30 e 34 anos e que terminou o ensino superior. É metade da realidade belga, onde 42% chegaram ao fim da sua licenciatura.

No centro da Europa

Análise de Diogo Freitas do Amaral

O primeiro dos nove 'Países como nós' é a Bélgica, não só por ser uma democracia ocidental, nossa parceira na UE e na NATO, mas também por ter uma população de dimensão semelhante à de Portugal.

A sua história foi atribulada, quase sempre na dependência da França, da Holanda, da Alemanha ou da casa de Áustria; só acedeu à independência em 1830. Tem a grande vantagem de estar situada no centro da Europa; tem o grave problema da sua divisão linguística e cultural (flamengos no Norte, valões no Sul), que tem levado a um federalismo interno crescente e pode terminar na separação em dois países.

A Bélgica, além de ter beneficiado muito de uma industrialização intensa no séc. XIX, tornou-se, a partir de meados desse século, num dos países socialmente mais avançados do continente europeu, devido à forte doutrinação do catolicismo social e à colaboração dos partidos e sindicatos cristãos socialistas, o que permitiu fortes progressos sociais, que estão bem patentes, por exemplo, no número de camas de hospital por habitante (duplica o nosso), na relação médicos/enfermeiros (melhor do que a nossa) ou nas estatísticas da educação (quase o dobro das nossas). O PIB *per capita* é duas vezes o português. Mas há vários países mais ricos do que a Bélgica na UE: a médio prazo, atingir os níveis belgas poderia ser um objetivo mobilizador para Portugal.

O segredo da Bélgica para o investimento estrangeiro



Jaime Esteves
Tax Lead Partner
PwC Portugal

“Desde os anos oitenta que a política fiscal belga tem contribuído

consistentemente para a instalação dos centros de excelência europeus de empresas multinacionais. Algo que deveríamos procurar fomentar em Portugal, enquanto centro do eixo Europa – CPLP”



Franck Dierckx
Managing Partner
PwC Bélgica

“A tributação de certos rendimentos das sociedades (participações,

financiamentos e *royalties*) e dos seus expatriados, bem como o regime de *rulings*, tornam a Bélgica uma localização ideal para as *holdings* e os centros de financiamento e de investigação, dos grupos multinacionais”

Os números

Portugal	Bélgica
Estado, economia e finanças	
Gastos do Estado (% do PIB)	
48,2	54,2
Défice do orçamento do Estado (%)	
7,3	4,8
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	
59,9	60,3
Poupança global (% do PIB)	
10,0	21,8
Consumo das famílias (% do PIB)	
66,8	52,4
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	
129	84
Receitas do Estado (% do PIB)	
38,8	48,1
Carga fiscal sobre as empresas (%)	
25	34
Competitividade e inovação	
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	
46°	19°
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	
-7,7	2,7
Investimento direto estrangeiro (% do PIB)	
1,2	-8,2
1º destino de exportações (%)	
UE 73,1	UE 75,9
2º destino de exportações (%)	
ANGOLA 7,2	EUA 5,3
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	
+32,6	+23,7
Contributo da agricultura para o PIB (%)	
2,3	0,7

Portugal	Bélgica
Mercado de trabalho	
Taxa de desemprego (%)	
11,2	8,1
Participação feminina (%)	
61,6	56
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	
6	3,9
Justiça	
Advogados por 100 mil habitantes	
260,2	155,9
Policías por 100 mil habitantes	
520	381
Saúde	
Despesa (% do PIB)	
9,9	10,2
Médicos por 100 mil habitantes	
380	476
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	
560	1.340
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	
337	660
Mortalidade infantil por mil nados vivos	
3	3,8
Defesa	
Gastos militares do Estado (% do PIB)	
2	1,1

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

	PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões							
BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	IRLANDA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões

Portugal vs. República Checa

Separação única

A República Checa nasce de uma das separações mais pacíficas e menos democráticas da história europeia. Em 1992, as eleições parlamentares na ainda Checoslováquia produzem dois vencedores: Vladimir Meciar, do lado eslovaco, e o atual Presidente, Vaclav Klaus, do lado checo. Ambos têm ideias muito diferentes no que se refere à política económica da transição do comunismo: os checos viram à direita, adotam os ideais económicos liberais e pretendem romper os laços económicos com a Rússia. Industrializados desde os tempos do Império Austro-Húngaro, do qual eram a região mais produtiva, os checos parecem insensíveis aos 'irmãos' eslovacos, mais dependentes da indústria soviética e favoráveis a políticas de proteção social que amenizem a transição. Em 1993, Klaus e Meciar optam pela separação sem permitir qualquer tipo de consulta popular, apesar de as sondagens mostrarem a oposição da maioria. Mas ao divorciar-se da Eslováquia e das políticas redistributivas que esse casamento acarreta, Klaus pretende ter plena liberdade para aplicar as suas reformas económicas. Em parte devido à

tradicional força eleitoral dos sociais-democratas checos, Klaus não consegue dismantlar o forte Estado social checo, e o país continua a exibir um dos níveis de igualdade mais altos do mundo. Mas graças à liberalização da economia os checos voltam a aproveitar a sua invejável posição geográfica, e a vizinha Alemanha é agora o principal parceiro comercial e um influente investidor numa das economias mais transnacionais da Europa.

A flat tax

O imposto único, adotado em 2008 pela República Checa, é emblemático das ambições do Leste de atingir os níveis de desenvolvimento ocidentais e, como não se via há muito tempo, é uma tendência política que avança de Leste a Oeste. Apesar de a UE criticar um imposto que diz aumentar a desigualdade social, desde que foi aplicado pelos países bálticos nos anos noventa, espalhou-se aos Balcãs, Rússia, Ucrânia, Geórgia e Eslováquia, estando a ser ponderado por Hungria e Polónia. Os apoiantes de uma taxa de imposto única sobre o rendimento alegam que esta traz poupanças e simplicidade à administração fiscal, reduz a evasão ao fisco e ajuda a atrair investimentos de fora numa região completamente dependente do capital estrangeiro. Mas dentro da UE, Alemanha e França têm puxado para restringir a medida, alegando que os países do Leste estão a desviar investimento estrangeiro através de um *dumping* fiscal financiado indiretamente pelos subsídios europeus. Vários políticos checos justificaram o imposto único com a necessidade de competir com outros países da região, em particular a Eslováquia, onde a mesma medida coincidiu com um aumento do investimento direto estrangeiro. Mas muitos economistas disputam a suposta relação entre crescimento e imposto único, e apontam o dedo às crescentes desigualdades sociais nos países do Leste que o adotaram.

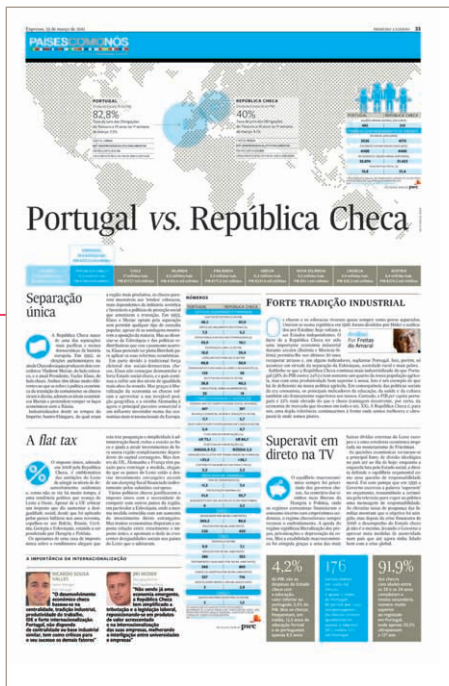
Superavit em direto na TV

O equilíbrio macroeconómico sempre foi prioridade dos governos checos. Ao contrário dos vizinhos mais liberais da Hungria e Polónia, onde os regimes comunistas financiaram o consumo interno com empréstimos ocidentais, o regime checoslovaco sempre recusou o endividamento. A queda do regime significou liberalização dos preços, privatizações e depreciação da coroa. Mas a estabilidade macroeconómica foi atingida graças a uma das mais baixas dívidas externas do Leste europeu e a uma ortodoxia económica inspirada no monetarismo de Friedman. As questões económicas tornaram-se a principal fonte de divisão ideológica no país até ao dia de hoje: enquanto a esquerda luta pelo Estado social, a direita defende o equilíbrio orçamental como uma questão de responsabilidade moral. Foi com pompa que em 1992 o Governo escreveu a palavra 'superavit' no orçamento, transmitindo a cerimónia pela televisão para expor ao público uma mensagem de responsabilidade. As elevadas taxas de poupança das famílias mostram que o objetivo foi atingido, mas depois da crise financeira de 2008 o desempenho do Estado checo já não é o mesmo, levando o Governo a aprovar mais medidas de austeridade num país que até agora tinha lidado bem com a crise global.

Portugal	República Checa
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	319
Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	4.175
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	4.400
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	31.425
Taxa efetiva total (%)	
19,8	21,4

* Rendimento anual do agregado. Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.



Expresso, 19 de março de 2011

91,9% dos checos com idades entre os 20 e os 24 anos completam o ensino secundário, número muito superior ao registado em Portugal, onde apenas 55,5% ultrapassam o 12º ano.

Forte tradição industrial
Análise de Diogo Freitas do Amaral

Os checos e os eslovacos viveram quase sempre como povos separados. Uniram-se numa república em 1918; foram divididos por Hitler e unificados por Estaline; hoje voltam a ser Estados independentes. O facto de a República Checa ter sido uma importante economia industrial durante séculos (Boémia e Morávia-Silésia) permitiu-lhe nos últimos 20 anos recuperar atrasos e, em alguns indicadores, suplantar Portugal. Isto, porém, só acontece em virtude da separação da Eslováquia, sociedade rural e mais pobre.

Sublinhe-se que a República Checa continua mais industrializada do que Portugal (38% do PIB contra 24%) e tem somente um quarto da nossa população agrícola, mas com uma produtividade bem superior à nossa. Isto é um exemplo do que há de deficiente na nossa política agrícola. Em consequência das políticas sociais da era comunista, os principais indicadores da educação, da saúde e da cultura também são francamente superiores aos nossos. Contudo, o PIB *per capita* português é 22% mais elevado do que o checo (vantagem decorrente, por certo, da economia de mercado que tivemos em todo o séc. XX). A República Checa é, para nós, uma dupla referência: continuarmos à frente onde somos melhores; e ultrapassá-la onde somos piores.

A importância da internacionalização



Ricardo Sousa Valles
Senior Manager
PwC Portugal

“O desenvolvimento económico checo baseou-se na centralidade, tradição industrial, produtividade do trabalho, IDE e forte internacionalização. Portugal, não dispondo de centralidade ou base industrial similar, tem como críticos para o seu sucesso os demais fatores”



Jiri Moser
Managing Partner
PwC República Checa

“Não sendo já uma economia emergente, a República Checa tem simplificado a tributação e a legislação laboral, reposicionando-se em produtos de valor acrescentado e na internacionalização das suas empresas, melhorando a interligação entre universidades e empresas”

Os números

Portugal	República Checa	
Estado, economia e finanças		
Gastos do Estado (% do PIB)	48,2	45,9
Défice do orçamento do Estado (%)	7,3	5,2
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	59,9	10,1
Poupança global (% do PIB)	10,0	20,4
Consumo das famílias (% do PIB)	66,8	50,6
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	129	50
Receitas do Estado (% do PIB)	38,8	40,2
Carga fiscal sobre as empresas (%)	25	19
Competitividade e inovação		
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	46º	36º
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	-7,7	5,7
Investimento direto estrangeiro em 5 anos (% do PIB)	2,4	4,7
1º destino de exportações (%)	UE 73,1	UE 84,7
2º destino de exportações (%)	Angola 7,2	Rússia 2,3
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	+32,6	+36,1
Contributo da agricultura para o PIB (%)	2,3	2,3

Portugal	República Checa	
Mercado de trabalho		
Taxa de desemprego (%)	11,2	7,4
Participação feminina (%)	61,6	56,7
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	6	3,5
Justiça		
Advogados por 100 mil habitantes	260,2	80,6
Polícias por 100 mil habitantes	520	420
Saúde		
Despesa (% do PIB)	9,9	7,1
Médicos por 100 mil habitantes	380	353
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	560	895
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	337	716
Mortalidade infantil por mil nados vivos	3	2,8
Defesa		
Gastos militares do Estado (% do PIB)	2	1,5

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	IRLANDA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões
---	--	--	---	--	--	--	---	---	--

Portugal vs. Chile

Portugal	Chile
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	266
Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	2.890
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	4.763
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	32.347
Taxa efetiva total (%)	
19,8	19,1

* Rendimento anual do agregado.
Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

33% é a percentagem da população chilena entre os 30 e os 34 anos que completou a licenciatura. Contra 21,1% de licenciados portugueses na mesma faixa etária.

Uma ilha no continente

De um lado, o Pacífico. Do outro, os Andes. Ao Norte, o deserto de Atacama. Ao Sul, os glaciares. O isolamento do Chile é uma realidade não só geográfica. Enquanto os regimes militares de países vizinhos foram marcados pelo protecionismo e pela estatização, a ditadura de Pinochet (1973-90) caracterizou-se pela economia de mercado e privatizações. O pensamento neoliberal marcou a política económica de um severo regime político. As medidas foram criadas por um grupo de jovens economistas chilenos com pós-graduação na Universidade de Chicago. Os “Chicago boys” anteciparam-se às medidas que Margaret Thatcher adotaria mais tarde. O paradoxo entre liberdade económica e a ditadura acabou por proteger os investimentos no Chile. Com o final da ditadura, o país passou a viver dividido entre o amor e o ódio a Pinochet. Mas mesmo a aliança de centro-esquerda ‘Concertación para la Democracia’, que governou o país em sucessivos mandatos durante 20 anos soube adaptar-se aos princípios do neoliberalismo. Inaugurou na região o modelo de esquerda pragmática, que seria seguido por Brasil, Uruguai e Peru. Durante o período da ‘Concertación’, o país abandonou o estatuto de país pequeno e pode ser considerado um país médio, para ciúmes dos vizinhos. Mas o modelo de economia aberta, baseada na exportação e serviços, não é considerado ‘exportável’ aos grandes vizinhos Brasil e Argentina que requerem uma indústria forte para absorver a mão de obra das suas populações.

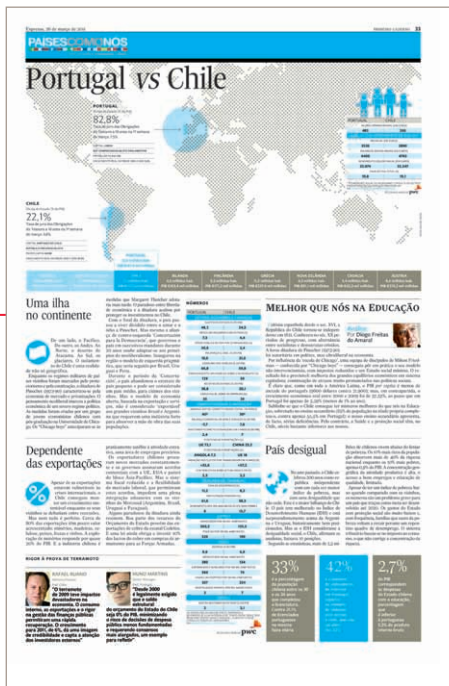
Dependente das exportações

Apesar de as exportações estarem vulneráveis às crises internacionais, o Chile conseguiu manter um crescimento sustentável enquanto os seus vizinhos se debatiam entre recessões. Mas nem tudo é perfeito. Cerca de 80% das exportações têm pouco valor acrescentado: minérios, madeiras, celulose, peixes, frutas e vinhos. A exploração de minérios responde por quase 20% do PIB. E a indústria chilena é

praticamente satélite à atividade extrativa, uma área de empregos precários. Os exportadores chilenos procuram novos mercados constantemente e os governos assinaram acordos comerciais com a UE, EUA e países do bloco Ásia-Pacífico. Mas o sistema fiscal reduzido e a flexibilidade do mercado laboral, que permitiram estes acordos, impedem uma plena integração aduaneira com os vizinhos do Mercosul (Argentina, Brasil, Uruguai e Paraguai). Alguns paradoxos da ditadura ainda resistem. Boa parte dos recursos do Orçamento do Estado provém das exportações de cobre da estatal Codelco. uma lei ainda obriga a investir 10% dos lucros do cobre em compras de armamento para as Forças Armadas.

País desigual

No ano passado, o Chile celebrou 200 anos como república independente com um cada vez menor índice de pobreza, mas com uma desigualdade que não cede. Este é o maior falhanço do Chile. O país tem melhorado no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e está surpreendentemente acima da Argentina e Uruguai, historicamente bem posicionados. Mas se o IDH considerasse a desigualdade social, o Chile, afirmam os analistas, baixava 10 posições. Segundo as estatísticas, mais de 2,5 milhões de chilenos vivem abaixo do limiar de pobreza. Os 10% mais ricos da população absorvem mais de 40% da riqueza nacional enquanto os 10% mais pobres, apenas 0,9% do PIB. A concentração geográfica da atividade produtiva é alta, o acesso a bons empregos e educação de qualidade, limitado. Apesar de ter um índice de pobreza baixo quando comparado com os vizinhos, os números são um problema grave para um país que traçou como meta ser desenvolvido até 2020. Os gastos do Estado com proteção social são muito baixos e, com frequência, famílias que saem da pobreza voltam a recair perante um repentino quadro de desemprego. O sistema tributário baseia-se no imposto ao consumo, o que não corrige a concentração de riqueza.



2,7% do PIB correspondem às despesas do Estado chileno com a educação, percentagem que é inferior à portuguesa: 5,3% do produto interno bruto

Melhor que nós na Educação
Análise de Diogo Freitas do Amaral

Colônia espanhola desde o séc. XVI, a República do Chile tornou-se independente em 1821. Conheceu no séc. XX períodos de progresso, com alternância entre socialistas e democratas-cristãos. A feroz ditadura de Pinochet (1973-90) foi autoritária em política, mas ultraliberal na economia.

Por influência da ‘escola de Chicago’, uma equipa de discípulos de Milton Friedman – conhecida por “Chicago boys” – conseguiu pôr em prática o seu modelo não-intervencionista, com impostos reduzidos e um Estado social mínimo. O resultado foi o previsível: melhoria dos grandes equilíbrios económicos em sistema capitalista; continuação de atrasos muito pronunciados nas políticas sociais.

É claro que, como em toda a América Latina, o PIB *per capita* é menos de metade do português (9600 dólares contra 21.900); mas, em contrapartida, o crescimento económico real entre 2000 e 2009 foi de 37,25%, ao passo que em Portugal foi apenas de 5,29% (menos de 1% ao ano).

Sublinhe-se que o Chile consegue ter números melhores do que nós na Educação, sobretudo no ensino secundário (85% da população na idade própria completou-o, contra apenas 55,5% em Portugal): o nosso ensino secundário apresenta, de facto, sérias deficiências. Pelo contrário, a Saúde e a proteção social têm, no Chile, níveis bastante inferiores aos nossos.

Expresso, 26 de março de 2011

Rigor à prova de terramoto



Nuno Martins
Senior Manager
PwC Portugal

“Desde 2000 é legalmente exigido que o saldo estrutural do orçamento

do Estado do Chile seja 0% do PIB, minimizando o risco de decisões de despesa pública menos fundamentadas e requerendo consensos mais alargados, um exemplo para refletir”



Rafael Ruano
Advisory Partner
PwC Chile

“O terramoto de 2009 teve impactos devastadores na economia. O

consumo interno, as exportações e o rigor na gestão das finanças públicas permitiram uma rápida recuperação. O crescimento para 2011, de 6%, dá uma imagem de credibilidade e capta a atenção dos investidores externos”

Os números

Portugal	Chile
Estado, economia e finanças	
Gastos do Estado (% do PIB)	
48,2	24,5
Défice do orçamento do Estado (%)	
7,3	4,4
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	
59,9	2,4
Poupança global (% do PIB)	
10,0	21,6
Consumo das famílias (% do PIB)	
66,8	59,8
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	
129	59
Receitas do Estado (% do PIB)	
38,8	20,1
Carga fiscal sobre as empresas (%)	
25	20
Competitividade e inovação	
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	
46º	30º
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	
-7,7	7,8
Investimento direto estrangeiro em 5 anos (% do PIB)	
2,4	7
1º destino de exportações (%)	
UE 73,1	China 23,2
2º destino de exportações (%)	
Angola 7,2	UE 18
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	
+32,6	+57,2
Contributo da agricultura para o PIB (%)	
2,3	3,3

Portugal	Chile
Mercado de trabalho	
Taxa de desemprego (%)	
11,2	8,3
Participação feminina (%)	
61,6	38,3
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	
6	15,7
Justiça	
Advogados por 100 mil habitantes	
260,2	135,5
Policías por 100 mil habitantes	
520	190
Saúde	
Despesa (% do PIB)	
9,9	6,9
Médicos por 100 mil habitantes	
380	134
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	
560	74
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	
337	224
Mortalidade infantil por mil nados vivos	
3	7
Defesa	
Gastos militares do Estado (% do PIB)	
2	3,1

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões	IRLÂNDIA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões
---	--	---	--	---	--	--	---	---	--

Portugal vs. Irlanda

Portugal	Irlanda
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	1.462
Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	1.454
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	1.071
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	37.475
Taxa efetiva total (%)	
19,8	6,3

* Rendimento anual do agregado.
Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

168 é a tiragem de jornais diários por cada mil irlandeses. Quase o triplo do que em Portugal, onde o número se fica pelos 62 exemplares por mil habitantes.

O tigre já não rugue

Com um passado marcado pela opressão, fome, pobreza e emigração em massa, a integração da Irlanda na União Europeia foi o ponto alto a nível económico e social na história de um país que não tem sequer um século de independência. À semelhança de outros Estados-membros, a Irlanda usufruiu de apoios comunitários (aproximadamente 60 mil milhões de Euros) que foram na maioria usados na criação de infraestruturas, desenvolvimento das zonas rurais e apoio à agricultura – o sector económico que tinha mais peso no país. Mas há fatores que durante vários anos distinguiram a estratégia irlandesa. A forte aposta e investimento na educação e formação profissional foi uma das medidas que rapidamente puseram os irlandeses entre os mais qualificados da UE. Este fator, bem como uma baixa taxa de IRC e a forte ligação aos EUA, fez com que o país se tornasse um dos mais atrativos para o investimento estrangeiro em desenvolvimento e investigação tecnológica. Mas esse momento alto, que transformou o país no “tigre celta” e visto como um modelo de sucesso a seguir, sofreu uma reviravolta drástica provocada por uma enorme bolha imobiliária, facilitismo de crédito e péssima regulação dos investimentos da banca nacional, que está agora quase toda nacionalizada num processo difícil de inverter. A Irlanda vive agora uma crise económica sem precedentes que põe não só em causa a soberania do país mas também a estabilidade da zona euro.

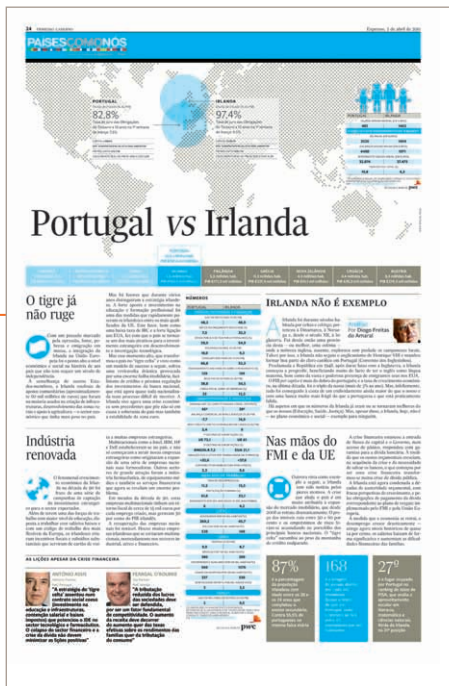
Indústria renovada

O fenomenal crescimento económico da Irlanda na década de 90 foi fruto de uma série de campanhas de captação do investimento estrangeiro para o sector exportador. Além de terem uma das forças de trabalho com maior nível de educação, disposta a trabalhar com salários baixos e com um código de trabalho dos mais flexíveis da Europa, os irlandeses criaram incentivos fiscais e subsídios substanciais que serviram de cartão de visita a muitas empresas estrangeiras.

Multinacionais como a Intel, IBM, HPm e Dell estabeleceram-se no país, e não só começaram a atrair novas empresas estrangeiras como originaram a expansão de uma série de empresas nacionais suas fornecedoras. Outros sectores de grande atração foram a indústria farmacêutica, de equipamento médico e também os serviços financeiros que agora se revelam um enorme problema. Em meados da década de 90, estas empresas multinacionais tinham um retorno fiscal de cerca de 15 mil Euros por cada emprego criado, mas geravam 30% do PIB irlandês. A recuperação das empresas nacionais foi notável. Houve muitas empresas irlandesas que se tornaram multinacionais, nomeadamente nos sectores industrial, aéreo e financeiro.

Nas mãos do FMI e da UE

Outrora vista como exemplo a seguir, a Irlanda tem sido notícia pelos piores motivos. A crise que abala o país é em muito atribuída à expansão do mercado imobiliário, que desde 2008 se retraiu dramaticamente. O preço dos imóveis caiu entre 50 e 60% e os empréstimos de risco foram-se acumulando no portefólio dos principais bancos nacionais. O “tigre celta” sucumbiu ao peso da montanha de crédito malparado. A crise financeira estancou a entrada de fluxos de capital e o Governo, num acesso de pânico, respondeu com garantias para a dívida bancária. À medida que os custos orçamentais cresciam, na sequência da crise e da necessidade de salvar os bancos, o que começou por ser uma crise financeira transformou-se numa crise de dívida pública. A Irlanda está agora condenada a décadas de austeridade orçamental, com fracas perspectivas de crescimento, e pelas obrigações de pagamento da dívida correspondente ao plano de resgate implementado pelo FMI e pela União Europeia. À medida que a economia se retrai, o desemprego cresce drasticamente – atinge agora níveis históricos de quase 14%, os salários baixam de forma significativa e aumentam as dificuldades financeiras das famílias.



Expresso, 2 de abril de 2011

87% é a percentagem da população irlandesa com idade entre os 20 e os 24 anos que completou o ensino secundário. Contra 55,5% de portugueses na mesma faixa etária.

Irlanda não é exemplo
Análise de Diogo Freitas do Amaral

A Irlanda foi durante séculos habitada por celtas e vikings; pertenceu à Dinamarca, à Noruega e, desde o século XII, à Inglaterra. Foi desde então uma província desta – ou melhor, uma colónia – onde a nobreza inglesa, ausente, explorava sem piedade os camponeses locais. Talvez por isso, a Irlanda não seguiu o anglicanismo de Henrique VIII e mandou formar boa parte do clero católico em Portugal (Convento dos Inglesinhos). Proclamada a República em 1948, após duras lutas com a Inglaterra, a Irlanda começou a progredir, beneficiando muito do facto de ter o inglês como língua materna, bem como da vasta e poderosa presença de emigrantes seus nos EUA. O PIB *per capita* é mais do dobro do português; e a taxa de crescimento económico, na última década, foi o triplo da nossa (mais de 3% ao ano). Mas, infelizmente, tudo foi conseguido à custa de um endividamento ainda maior do que o nosso e com uma banca muito mais frágil do que a portuguesa e que está praticamente falida. Há aspetos em que os números da Irlanda já eram ou se tornaram melhores do que os nossos (Educação, Saúde, Justiça). Mas, apesar disso, a Irlanda, hoje, não é – no plano económico e social – exemplo para ninguém.

As lições apesar da crise financeira



António Assis
Advisory Partner
PwC Portugal

“A estratégia do ‘tigre celta’ assentou num contrato social coeso

(investimento na educação e infraestruturas, contenção salarial e baixos impostos) que potenciou o IDE no sector tecnológico e farmacêutico. O colapso do sector financeiro e a crise da dívida não devem minimizar as lições positivas”



Feargal O’rourke
Tax Partner
PwC Irlanda

“A tributação reduzida dos lucros das sociedades deve ser defendida,

por ser um fator fundamental de competitividade. O aumento da receita deve decorrer do aumento quer das taxas efetivas sobre os rendimentos das famílias quer da tributação do consumo”

Os números

Portugal	Irlanda
Estado, economia e finanças	
Gastos do Estado (% do PIB)	
48,2	48,9
Défice do orçamento do Estado (%)	
7,3	32,3
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	
59,9	54,9
Poupança global (% do PIB)	
10,0	9,3
Consumo das famílias (% do PIB)	
66,8	52,3
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	
129	199
Receitas do Estado (% do PIB)	
38,8	34,5
Carga fiscal sobre as empresas (%)	
25	12,5
Competitividade e inovação	
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	
46º	29º
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	
-7,7	14,9
Investimento direto estrangeiro em 5 anos (% do PIB)	
2,4	0
1º destino de exportações (%)	
UE 73,1	UE 61
2º destino de exportações (%)	
Angola 7,2	EUA 21,1
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	
+32,6	+37,6
Contributo da agricultura para o PIB (%)	
2,3	9,6

Portugal	Irlanda
Mercado de trabalho	
Taxa de desemprego (%)	
11,2	13,5
Participação feminina (%)	
61,6	52,1
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	
6	4,2
Justiça	
Advogados por 100 mil habitantes	
260,2	45,7
Policías por 100 mil habitantes	
520	140
Saúde	
Despesa (% do PIB)	
9,9	8,7
Médicos por 100 mil habitantes	
380	309
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	
560	1.576
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	
337	530
Mortalidade infantil por mil nados vivos	
3	3,5
Defesa	
Gastos militares do Estado (% do PIB)	
2	0,6

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	IRLANDA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões
---	--	---	--	--	--	--	---	---	--

Portugal vs. Finlândia

Uma boa educação

Com vizinhos poderosos como a Suécia e a Rússia, a Finlândia só se tornou independente desta em 1919. Foi para a Rússia que perdeu, no final da Segunda Guerra Mundial, a província da Carélia e foi a ela que pagou pesadas compensações até à dissolução da URSS, em 1990. A partir do final dos anos 40, a Finlândia empreende um rápido desenvolvimento industrial com uma produção per capita que a põe a par de economias ocidentais como a França, Alemanha e Suécia.

Portugal	Finlândia
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	-
Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	3.511
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	3.315
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	33.174
Taxa efetiva total (%)	
19,8	17,1

* Rendimento anual do agregado. Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

82% é a percentagem da população da Finlândia com acesso à Internet, praticamente o dobro da portuguesa (42%). Não faltará muito para que todos os finlandeses estejam ligados à rede.

O maior sector económico é o dos serviços, seguido da manufatura e refinaria. A economia finlandesa evoluiu após a recessão dos anos 90 para só abrandar com a crise internacional. Espera-se um crescimento de 2,7% em 2011. O “ingrediente” do sucesso do país é a educação – o motor que impulsiona todos os outros. Em 1921, a Finlândia promulga o sistema de ensino obrigatório para todos os cidadãos e recentemente, e para sua surpresa, os finlandeses emergiram como as estrelas da educação global ao ficarem entre os três melhores do mundo em leitura, matemática e ciência. Garante-o o PISA (Program for International Student Assessment) da OCDE, programa onde só tiveram por rivais a Coreia do Sul e Singapura. Com uma sociedade baseada na equidade, os finlandeses acham a competição pouco importante, ao contrário da média, que deve ser a mais alta possível. O segredo é a qualidade do ensino. Reformas do sector nos anos 60, 70 e 90 afinaram a fórmula que os torna competitivos em qualquer mercado.

Um nuclear limpo e seguro

O elemento mais visível da Finlândia determina a atitude dos seus cidadãos: com 75% do território coberto por florestas, os finlandeses crescem ‘naturalmente’ com uma fortíssima consciência ecológica. O clima exige recursos energéticos e cada finlandês consome 16 mil kWh/ano dos 82 mil milhões de kWh totais. A energia hídrica fornece 15,5% da eletricidade, e a energia nuclear tem a parte de leão: quatro reatores geram 30% da eletricidade, um quinto reator está em construção e dois outros estão em planeamento. Os reatores ativos estão entre os mais eficientes do mundo. As atualizações tecnológicas fazem que produzam hoje mais 30% de energia do que quando foram construídos. A sua vida prolongada para 60 anos (os

primeiros datam de 1978-80). Este tipo de energia goza da aprovação da população de todo o país, tal é o grau de transparência das operações de controlo das centrais, que ocorrem de dez em dez anos, e a confiança do eleitorado nas instituições nacionais. Os finlandeses são também pioneiros em técnicas de tratamento de resíduos atómicos. O resto da energia é importada da Rússia (carvão e gás) e da Polónia (carvão).

A justiça da Finlândia

Tal como se verá a propósito da Áustria, a Finlândia é um claro exemplo de um sistema de justiça que funciona muito bem: com um investimento do Estado *per capita* idêntico ao nosso em termos reais, a Finlândia está em 11º lugar no ranking dos custos para o cidadão (Portugal está em 24º), tem um número de juízes idêntico ao nosso (mas metade dos nossos procuradores do MP) e tem um décimo dos nossos advogados (!). Tudo isto parece, e é, extraordinário. Mas verdadeiramente notável é a comparação oficial do ‘tempo de resolução’ médio de um processo civil, comercial ou administrativo em 1ª instância: na Finlândia, 58 dias (dois meses); em Portugal, 925 dias (dois anos e meio). Quer dizer: um processo normal, só na 1ª instância, leva 15 vezes mais tempo a chegar ao fim em Portugal: 30 meses, em vez de dois meses! Alguém ouviu falar em ‘crise da justiça’? Pois ela aí está, em toda a sua crueza! (Apesar de o atual PGR dizer que não conhece nenhum país europeu onde a justiça funcione melhor ou mais depressa do que em Portugal!). O problema – obviamente – não é só de dinheiro, de qualidade dos agentes ou de falta de instalações: é, sobretudo, de má organização e administração do sistema. Para quando um grande gestor como ministro da Justiça?

Portugal vs Finlândia

Uma boa educação

Um nuclear limpo e seguro

A prosperidade que nos inspira

FINLÂNDIA, PAÍS MODELO

A justiça da Finlândia

3º 4.2% 5.9%

Expresso, 9 de abril de 2011

5,9% é do PIB correspondem à despesa do Estado finlandês no sector da educação. Pouco acima dos gastos de Portugal (5,3%), mas o dobro se as contas forem feitas per capita.

Finlândia, país modelo

Análise de Diogo Freitas do Amaral

Reino *viking* com fronteira com a Rússia, este país foi várias vezes objeto de ocupação estrangeira (sobretudo sueca e russa). Tornou-se uma República independente em 1919, mas não pôde ter uma política externa autónoma face à União Soviética; daí a ideia recorrente (nos anos 80 do século passado) de que a Europa ocidental, perante os mísseis soviéticos, corria o risco de ‘finlandização’. Tal não aconteceu, felizmente; e os países nórdicos aproveitaram o séc. XX para passarem, com êxito, de sociedades agrárias tradicionais a modernas sociedades industriais. O ‘milagre político’ dos países nórdicos, com a Suécia na vanguarda, está em serem, ao mesmo tempo, economicamente prósperos, socialmente justos e ambientalmente avançados. Porque será que na Europa do Sul ninguém estuda com atenção o modelo nórdico? Muito corretamente, a Finlândia tem uma base agrícola e industrial maior do que a de Portugal (3+33% v. 2+24%) e depende menos do que nós do sector terciário (64% v. 74%). Por isso gera muito mais riqueza e distribui-a melhor. Todos os números da Educação, Saúde, Justiça e Cultura são francamente superiores aos nossos. Atingi-los não está ao nosso alcance no imediato, infelizmente! Mas pode ser um objetivo de longo prazo.

A prosperidade que nos inspira



Luís Boquinhas
Advisory Partner
PwC Portugal

“Made in Finland tem excelente reputação. As soluções são consideradas

funcionais e centradas nos clientes; os produtos duráveis, fiáveis, resultado de uma produção sustentável. O posicionamento da marca é difícil de imitar, mas poderia inspirar-nos”



Marko Korkiakoski
Markets Leader,
Partner
PwC Finlândia

“O sistema educativo, baseado na igualdade

de oportunidades, é um dos pilares do desempenho económico e social da Finlândia. Gera prosperidade, funciona como salvaguarda da democracia, esbate diferenças entre regiões e facilita a mobilidade social”

Os números

Portugal	Finlândia
Estado, economia e finanças	
Gastos do Estado (% do PIB)	
48,2	56,2
Défice do orçamento do Estado (%)	
8,6	3,1
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	
59,9	39,8
Poupança global (% do PIB)	
10,0	19,8
Consumo das famílias (% do PIB)	
66,8	54,1
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	
129	100
Receitas do Estado (% do PIB)	
38,8	53,3
Carga fiscal sobre as empresas (%)	
25	26
Competitividade e inovação	
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	
46º	7º
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	
-7,7	2,5
Investimento direto estrangeiro (% do PIB)	
2,4	2,1
1º destino de exportações (%)	
UE 73,1	UE 55,5
2º destino de exportações (%)	
Angola 7,2	Rússia 9
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	
+32,6	+24,3
Contributo da agricultura para o PIB (%)	
2,3	2,6

Portugal	Finlândia
Mercado de trabalho	
Taxa de desemprego (%)	
11,2	8
Participação feminina (%)	
61,6	67,9
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	
6	3,7
Justiça	
Advogados por 100 mil habitantes	
260,2	34,4
Policías por 100 mil habitantes	
520	150
Saúde	
Despesa (% do PIB)	
9,9	8,4
Médicos por 100 mil habitantes	
380	271
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	
560	892
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	
337	654
Mortalidade infantil por mil nados vivos	
3	2,5
Defesa	
Gastos militares do Estado (% do PIB)	
2	1,51

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	IRLANDA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões
---	--	---	--	--	--	--	---	---	--

Portugal vs. Grécia

Portugal	Grécia
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	863
Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	3.658
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	6.400
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	29.942
Taxa efetiva total (%)	
19,8	25,1

* Rendimento anual do agregado.
Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

82,2% é a percentagem da população grega, com idade entre os 20 e os 24 anos, que completou o ensino secundário. Muito superior à registada em Portugal, onde não ultrapassa os 55%.

Défi ce crónico

Anos sucessivos de despesas e endividamento imprudentes conduziram a economia grega ao colapso. O ponto crítico verificou-se quando, no ano passado, se percebeu que o Governo dissimulou os números. No país, quase toda a gente fazia o mesmo: enganar o fisco era um hábito que, designadamente os comerciantes, praticavam às claras. Com o país à beira da bancarrota, a Grécia teve de colocar-se sob tutela, recorrendo à ajuda e às prescrições do FMI e da UE. O problema era antigo. Nos últimos dez anos, sucessivos governos deixaram crescer os défices e o nível da dívida nunca baixou de 100% do PIB. Mesmo quando, numa parte dos anos 2000, se verificou um forte crescimento, as finanças públicas continuaram no vermelho devido a fracas exportações e a um endividamento elevado das famílias, que se comportaram como os governos – não ligavam às contas e toda a gente recorria a empréstimos e desleixava a poupança. No fim de 2008, o Expresso constatou que, em Atenas, não circulavam faturas em boa parte dos comércios. Nos restaurantes, só depois de aturada insistência se conseguia obter uma nota avulsa de despesa num papel rabiscado à pressa, sem validade oficial. Com os taxistas verificava-se o mesmo. A economia subterrânea, a corrupção e a fraude fiscal nos sectores do turismo e dos serviços limitavam drasticamente as receitas fiscais. Alguns economistas consideram que a Grécia sofre de um défi ce estrutural crónico e que nunca conseguirá reembolsar a dívida.

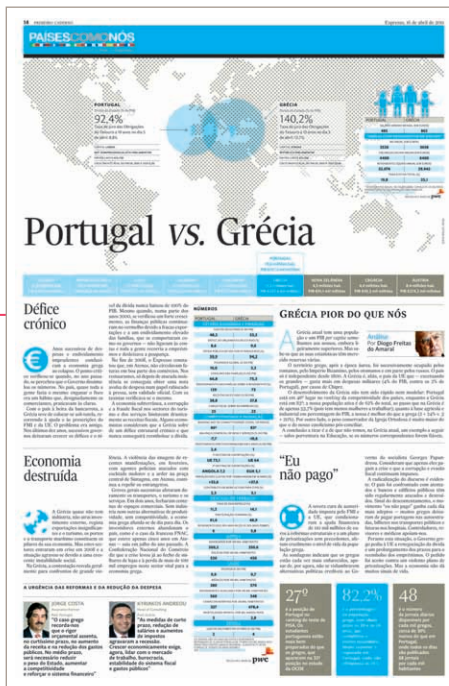
Economia destruída

A Grécia quase não tem indústria, não atrai investimento externo, regista exportações insignificantes e o turismo, os portos e o transporte marítimo constituem os pilares da sua economia. Mas estes sectores entraram em crise em 2008 e a situação agravou-se devido a uma crescente instabilidade social. Na Grécia, a contestação resvala geralmente para confrontos de grande violência. A violência das imagens

de recentes manifestações, em fevereiro, com agentes policiais atacados com *cocktails molotov* e a arder na praça central de Sintagma, em Atenas, continua a repelir os estrangeiros. Greves gerais sucessivas afetaram duramente os transportes, o turismo e os serviços. Em dois anos, fecharam centenas de espaços comerciais. Sem indústria nem outras alternativas de produtividade, sem competitividade, a economia grega afunda-se de dia para dia. Os investidores externos abandonam o país, como é o caso da francesa FNAC, que esteve apenas cinco anos em Atenas – saiu em julho do ano passado. A Confederação Nacional do Comércio diz que a crise levou já ao fecho de milhares de lojas e à perda de mais de 100 mil empregos neste sector vital para a economia grega.

“Eu não pago”

A severa cura de austeridade imposta pelo FMI e a UE, que condicionaram a ajuda financeira de 110 mil milhões de Euros a reformas estruturais e a um plano de privatizações sem precedentes, afetam cruelmente o nível de vida da população grega. As sondagens indicam que os gregos estão cada vez mais enfurecidos, apesar de, por agora, não se vislumbrarem alternativas políticas credíveis ao Governo do socialista Georges Papandreou. Consideram que apenas eles pagam a crise e que a corrupção e evasão fiscal continuam impunes. A radicalização do discurso é evidente. O país foi confrontado com atentados e bancos e edifícios públicos têm sido regularmente atacados e destruídos. Sinal do descontentamento, o movimento “eu não pago” ganha cada dia mais adeptos – muitos gregos deixaram de pagar portagens nas autoestradas, bilhetes nos transportes públicos e faturas nos hospitais. Controladores, revisores e médicos apoiam-nos. Perante esta situação, o Governo grego pediu à UE a renegociação da dívida e um prolongamento dos prazos para o reembolso dos empréstimos. O pedido foi aceite contra um violento plano de privatizações. Mas a economia não dá muitos sinais de vida.



Expresso, 16 de abril de 2011

48 é o número de jornais diários disponíveis por cada mil gregos, cerca de 30% menos do que em Portugal, onde todos os dias são publicados 68 jornais por cada mil habitantes.

Grécia pior do que nós

Análise de Diogo Freitas do Amaral

A Grécia atual tem uma população e um PIB per capita semelhantes aos nossos, embora ligeiramente superiores. Mas sabe-se que as suas estatísticas têm merecido reservas várias. O território grego, após a época áurea, foi sucessivamente ocupado pelos romanos, pelo Império Bizantino, pelos otomanos e em parte pelos russos. O país só é independente desde 1800. A Grécia é, aliás, o país da UE que – excetuando os grandes – gasta mais em despesas militares (4% do PIB, contra os 2% de Portugal), por causa de Chipre. O desenvolvimento da Grécia não tem sido rápido nem modelar: Portugal está em 46º lugar no ranking da competitividade dos países, enquanto a Grécia está em 83º; a nossa população ativa é de 62% do total, ao passo que na Grécia é de apenas 53,7% (pois tem menos mulheres a trabalhar); quanto à base agrícola e industrial em percentagem do PIB, a nossa é melhor do que a grega (2 + 24% v. 3 + 20%). Por outro lado, o peso conservador da Igreja Ortodoxa é muito maior do que o do nosso catolicismo pós-conciliar. A conclusão a tirar é a de que não temos, na Grécia atual, um exemplo a seguir – salvo porventura na Educação, se os números correspondentes forem fiáveis.

A urgência das reformas e da redução da despesa



Jorge Costa
Assurance Partner
PwC Portugal

“O caso grego recorda-nos que o rigor orçamental assenta, no curtíssimo prazo, no aumento da receita e na redução dos gastos públicos. No médio prazo, será necessário reduzir o peso do Estado, aumentar a competitividade e reforçar o sistema financeiro”



Kyriakos Andreou
Head of Consulting
PwC Grécia

“As medidas de curto prazo, redução de salários e aumentos de impostos agravaram a recessão. Crescer economicamente exige, agora, lidar com o mercado de trabalho, burocracia, estabilidade do sistema fiscal e gastos públicos”

Os números

Portugal	Grécia
Estado, economia e finanças	
Gastos do Estado (% do PIB)	
48,2	53,2
Défice do orçamento do Estado (%)	
8,6	9,6
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	
59,9	94,2
Poupança global (% do PIB)	
10,0	3,3
Consumo das famílias (% do PIB)	
66,8	75,3
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	
129	73
Receitas do Estado (% do PIB)	
38,8	37,8
Carga fiscal sobre as empresas (%)	
25	23
Competitividade e inovação	
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	
46º	83º
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	
-7,7	-10,6
Investimento direto estrangeiro em 5 anos (% do PIB)	
2,4	1
1º destino de exportações (%)	
UE 73,1	UE 64
2º destino de exportações (%)	
Angola 7,2	EUA 5,1
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	
+32,6	+37,6
Contributo da agricultura para o PIB (%)	
2,3	3,1

Portugal	Grécia
Mercado de trabalho	
Taxa de desemprego (%)	
11,2	14,1
Participação feminina (%)	
61,6	48,9
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	
6	5,8
Justiça	
Advogados por 100 mil habitantes	
260,2	350,6
Polícias por 100 mil habitantes	
520	450
Saúde	
Despesa (% do PIB)	
9,9	9,7
Médicos por 100 mil habitantes	
380	570
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	
560	348
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	
337	478,4
Mortalidade infantil por mil nados vivos	
3	2,8
Defesa	
Gastos militares do Estado (% do PIB)	
2	4

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	IRLANDA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões
---	--	---	--	--	--	--	---	---	--

Portugal vs. Nova Zelândia

Dilemas e objetivos

Nos últimos três anos a Nova Zelândia passou por uma recessão, tempestades no sul, uma seca a norte, o pior desastre numa mina de carvão desde 1914 e por um terramoto na região de Christchurch. Todos estes acontecimentos estão a influenciar o processo de decisão do governo, empresas e famílias na Nova Zelândia. O país transformou totalmente a sua economia nas últimas duas décadas.

Portugal	Nova Zelândia
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	1078**
Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	3.337
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	816
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	35.847
Taxa efetiva total (%)	
19,8	10,4

* Rendimento anual do agregado. Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

** Na Nova Zelândia não existe salário mínimo mensal. O valor hora mínimo é 7€. Este valor é um cálculo com base em 7 horas diárias e 22 dias úteis

Recolha e análise: PwC.

48% é a percentagem da população licenciada da Nova Zelândia com idades entre os 30 e os 34 anos. Em Portugal, na mesma faixa etária, os licenciados não ultrapassam os 21,1%.

Uma economia fechada deu lugar a uma economia de mercado aberta ao exterior e competitiva em termos de serviços e indústrias. O sector agrícola é altamente eficiente. A Nova Zelândia tem uma dívida pública muito baixa. Em contrapartida, a dívida detida pelos privados é extremamente elevada. O Governo neo-zelandês tem falado claramente sobre os seus dilemas e objetivos. Wellington sabe muito bem qual é o preço do seu défice orçamental e da sua dívida externa na atual economia internacional. Mas o governo também sabe que após o terramoto de Christchurch terá de se endividar para financiar a reconstrução das suas infraestruturas. Este processo de reconstrução poderá vir a ter algum impacto no reforço das exportações da Nova Zelândia. A evolução da economia de Wellington nos próximos anos vai depender muito dos preços das matérias-primas nos mercados internacionais e dos níveis de crescimento das principais economias mundiais.

Miguel Monjardino (M.M)

Campeão das reformas

A Nova Zelândia tem sido um dos campeões internacionais da reforma da administração pública nas últimas décadas. Estas reformas têm assentado na ideia de que o que interessa são os resultados. Não é possível falar da administração pública na Nova Zelândia sem encontrar as palavras 'eficiência' e 'eficácia'. Para levar a cabo estas reformas, os governos de Wellington apostaram na modernização, na introdução de mecanismos de mercado e na minimização. A modernização flexibilizou o funcionamento interno da administração pública. Os mecanismos de mercado mudaram a cultura, os valores e as práticas administrativas. A minimização levou à privatização e à

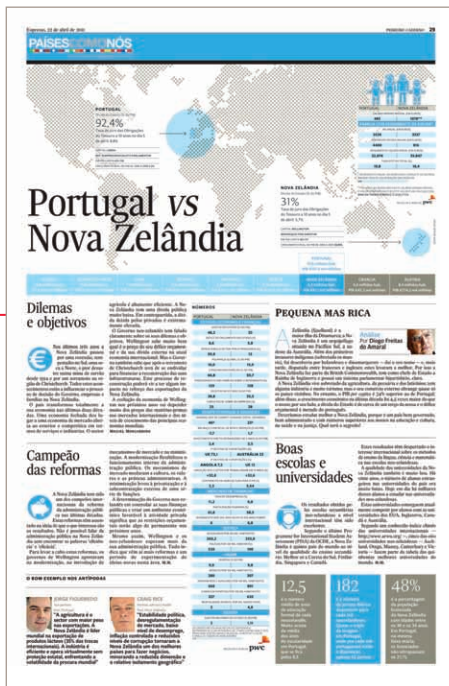
subcontratação externa de uma série de funções. A determinação do governo neo-zelandês em controlar as suas finanças públicas e criar um ambiente económico favorável à atividade privada significa que as restrições orçamentais serão algo de permanente nos próximos anos. Mesmo assim, Wellington e os neo-zelandeses esperam mais da sua administração pública. Tudo indica que vêm aí mais reformas e um período de experimentação de ideias novas nesta área.

M.M

Boas escolas e universidades

Os resultados obtidos pelas escolas secundárias neo-zelandesas a nível internacional têm sido excelentes. Segundo o último Programme for International Student Assessment (PISA) da OCDE, a Nova Zelândia é quinto país do mundo ao nível da qualidade do ensino secundário. Melhor só a Coreia do Sul, Finlândia, Singapura e Canadá. Estes resultados têm despertado o interesse internacional sobre os métodos de ensino da língua, ciência e matemática nas escolas neo-zelandesas. A qualidade das universidades da nova Zelândia também é muito boa. Há 20 anos, o número de alunos estrangeiros nas universidades do país era muito baixo. Hoje em dia há milhares destes alunos a estudar nas universidades neo-zelandesas. Estas universidades conseguem atualmente competir por alunos com as universidades dos EUA, Inglaterra, Canadá e Austrália. Segundo um conhecido índice chinês das universidades internacionais – <http://www.arwu.org/> –, cinco das oito universidades neo-zelandesas – Auckland, Otago, Massey, Canterbury e Victoria – fazem parte da tabela das quinhentas melhores universidades do mundo.

M.M



Expresso, 22 de abril de 2011

12,5 é o número médio de anos de educação formal de cada neozelandês. Muito acima da média dos anos de escolaridade em Portugal, que se fica pelos 8,5

Pequena mas rica

Análise de Diogo Freitas do Amaral

A Zelândia (Sjaelland) é a maior ilha da Dinamarca; a Nova Zelândia é um arquipélago situado no Pacífico Sul, a sudeste da Austrália. Além dos primeiros invasores indígenas (sobretudo os maoris), foi descoberta por holandeses e dinamarqueses – daí o seu nome – e, mais tarde, disputada entre franceses e ingleses; estes levaram a melhor. Por isso a Nova Zelândia faz parte da British Commonwealth, tem como chefe de Estado a Rainha de Inglaterra e possui um sistema parlamentar bipartidário, claro.

A Nova Zelândia vive sobretudo da agricultura, da pecuária e dos laticínios; tem alguma indústria e muito turismo; mas o seu comércio externo abrange quase só os países vizinhos. No entanto, o PIB *per capita* é 34% superior ao de Portugal; além disso, o crescimento económico na última década foi 4,5 vezes maior do que o nosso; por seu lado, a dívida do Estado é de cerca de um terço da nossa e o défice orçamental é metade do português.

Deveríamos estudar melhor a Nova Zelândia, porque é um país bem governado, bem administrado e com números superiores aos nossos na educação e cultura, na saúde e na justiça. Qual será o segredo?

O bom exemplo nos antípodas



Jorge Figueiredo
Tax Partner
PwC Portugal

“A agricultura é o sector com maior peso nas exportações. A Nova Zelândia é

líder mundial na exportação de produtos lácteos (35% das trocas internacionais). A indústria é eficiente e opera virtualmente sem proteção estatal, enfrentando a volatilidade da procura mundial”



Craig Rice
Partner Advisory
Leader
PwC Nova Zelândia

“Estabilidade política, desregulamentação do mercado, baixo

nível de desemprego, inflação controlada e reduzidos níveis de corrupção tornaram a Nova Zelândia um dos melhores países para fazer negócios, minorando a reduzida dimensão e o relativo isolamento geográfico”

Os números

Portugal	Nova Zelândia	
Estado, economia e finanças		
Gastos do Estado (% do PIB)	48,2	33
Défice do orçamento do Estado (%)	8,6	5,8
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	59,9	13
Poupança global (% do PIB)	10,0	15,9
Consumo das famílias (% do PIB)	66,8	59,7
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	129	158
Receitas do Estado (% do PIB)	38,8	35,5
Carga fiscal sobre as empresas (%)	25	28
Competitividade e inovação		
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	46º	23º
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	-7,7	1,7
Investimento direto estrangeiro em 5 anos (% do PIB)	2,4	2,5
1º destino de exportações (%)	UE 73,1	Austrália 23
2º destino de exportações (%)	Angola 7,2	UE 13
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	+32,6	+32,6
Contributo da agricultura para o PIB (%)	2,3	5,64

Portugal	Nova Zelândia	
Mercado de trabalho		
Taxa de desemprego (%)	11,2	6,8
Participação feminina (%)	61,6	58,5
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	6	6,8
Justiça		
Advogados por 100 mil habitantes	260,2	255,8
Polícias por 100 mil habitantes	520	190
Saúde		
Espesa (% do PIB)	9,9	9,8
Médicos por 100 mil habitantes	380	307
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	560	891
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	337	620
Mortalidade infantil por mil nados vivos	3	4,8
Defesa		
Gastos militares do Estado (% do PIB)	2	1,11

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	IRLANDA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões
--	---	--	---	---	---	--	---	--	---

Portugal vs. Croácia

Portugal	Croácia
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	381
Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	8.000
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	4.890
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	27.110
Taxa efetiva total (%)	
19,8	32,2

* Rendimento anual do agregado.
Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

94,6% é a percentagem de croatas com idades entre os 20 e os 24 anos que completaram o ensino secundário, número de sucesso ainda distante em Portugal, onde não ultrapassa 55,5%.

A caminho da UE

Como país que aspira a aderir à união europeia, a Croácia tem-se confrontado com uma boa quantidade de obstáculos e desafios. Primeiro pela transição da ex-Jugoslávia e agora com a crise económica global. Contudo, embora confrontada com muitos problemas comuns a outros países em período de transição, como altos níveis de corrupção, privatizações rápidas, sistema administrativo e judiciário ineficiente e taxa elevada de desemprego, a Croácia conseguiu impor a sua economia como uma das principais dos balcãs. Depois dos conflitos que originaram o desmantelamento da Jugoslávia, a Croácia estabeleceu rapidamente o seu sistema fiscal e monetário, iniciando a transição para uma economia de mercado. Mas o sistema rígido introduzido para fixar o valor da moeda nacional (kuna) faz com que esta se encontre frequentemente sobrevalorizada, o que agrava o défice comercial e ameaça a estabilidade económica. Ao mesmo tempo que se debate com a crise global, o facto de o anterior primeiro-ministro ter sido procurado e preso por ligações a escândalos de corrupção remete para uma realidade diferente. A corrupção é um dos pontos em que o país ainda tem muito a provar na adesão à UE. Mas o sucesso do turismo, o investimento estrangeiro e um PIB *per capita* mais elevado que o de alguns países da UE garantem que a Croácia se junte à União Europeia como uma sociedade democrática moderna e uma economia de mercado livre.

Crescimento e dívida

A guerra na ex-Jugoslávia deixou algumas marcas na economia croata. Mas muitos economistas consideram que o rápido processo de privatizações causou danos bem mais perniciosos na jovem economia de mercado. Mas houve um factor que permitiu ultrapassar os problemas da transição: o rápido crescimento no investimento estrangeiro verificado no final da década de 1990. Desde essa altura que a Croácia tem conseguido manter níveis elevados de investimento estrangeiro

direto até se começarem a sentir os efeitos da crise económica global. A Áustria é o país de origem da maior parte desses investimentos feitos na Croácia. Ao passar de uma economia industrial orientada para a produção, como a que teve quando fazia parte da Jugoslávia, para uma economia orientada para os serviços, o PIB da Croácia cresceu sustentadamente, chegando a ultrapassar muitos países-membros da UE. Contudo, o crescimento da dívida externa bruta é uma das questões mais preocupantes da economia do país. Essa dívida aumentou mais de dez vezes entre 1995 a 2010, segundo os dados do banco nacional da Croácia. Não é ainda um problema do Estado, como se pode ver na comparação com Portugal, mas a crise da dívida que assola a Europa pode fazer estragos na Croácia.

Concorrência com Portugal

Com os sectores da construção naval, química, produção alimentar e serviços a liderarem o desenvolvimento do país, o turismo tem desempenhado um papel muito importante no crescimento económico. Com mais de nove milhões de turistas estrangeiros, o rendimento do sector já perfaz cerca de 17 por cento do PIB. Curiosamente, a crise global não afetou a Croácia como destino. O país registou um decréscimo pequeno no número de turistas em 2009, mas teve um aumento de 4,8% em 2010. Para conseguir estes números, a Croácia tentou uma transição de um turismo de massas para um turismo de maior qualidade, o que passou pela criação de “limite” de turistas. Algumas estimativas apontam para 12 milhões de turistas por ano como sendo o ideal. A maior parte dos turistas vem da Alemanha, Eslovénia e Itália. A natureza intocada e o mar azul são as principais razões de atração de 2% do mercado europeu de turismo. A história e a arquitetura de cidades como Dubrovnik, a Península de Ístria e Adalmácia são as principais atrações de um país que compete cada vez mais com Portugal como destino turístico, sobretudo por quem procura alternativas ao Egito e à Tunísia.

Portugal vs Croácia

A caminho da UE

CROÁCIA SOBRE DEPRESSÃO

Crescimento e dívida

Concorrência com Portugal

UMA GRANDE RIVALIDADE NO TURISMO

94,6% **21,1%** **27º**

Expresso, 30 de abril de 2011

27º é a posição de Portugal no ranking o teste de PISA, que avalia os conhecimentos dos estudantes de 15 anos, à frente da Croácia que se encontra na 36ª posição Portugal, onde não ultrapassa 55,5%.

Croácia sobe depressa

Análise de Diogo Freitas do Amaral

Este país, que decerto será o 28º membro da União Europeia, teve uma história muito atribulada: pertenceu à Grécia, a Roma, aos Francos, a Bizâncio (que cristianizou a população), aos otomanos, etc. Só estabilizou como região autónoma do Império Austro-Húngaro. Em 1941 capitulou perante o nazismo; e em 1946 caiu sob o comunismo. Atingiu a independência como democracia em 1991.

Trata-se, portanto, de uma nação ocidental. Porquê falar dela aqui? Porque vai ser nossa parceira na UE; porque é nossa forte concorrente no turismo; e porque, com um PIB *per capita* que é apenas dois terços do nosso, teve um forte crescimento económico na última década: o triplo do nosso. Está melhor do que nós no número de anos de educação formal, enfermeiros e camas por habitante; até na Justiça tem uma duração dos processos não criminais em 1ª instância que é seis vezes mais rápida do que a nossa.

Isto passa-se na Croácia, após duas ditaduras totalitárias durante cinquenta anos, e que só se tornou uma economia de mercado há vinte... que se passa connosco? Será que ficámos cegos? Ou o pior cego é aquele que não quer ver?

Uma grande rivalidade no turismo



César Gonçalves
Assurance Partner
PwC Portugal

“O turismo em Portugal representa 14,4% do PIB e 18,8% do emprego,

sendo também importante como fonte de divisas. Importa, no entanto, salientar que a consolidação do setor, que permita ganhar dimensão e competitividade, será determinante para enfrentar as dificuldades que se avizinham”



Cherie Ford
Tax & Regulatory Services Partner
PwC Croácia

“Com um peso na economia de cerca de 25% e crescimento estimado de 6% ao ano até 2020, o turismo é um dos principais sectores da economia croata. A sustentabilidade e incremento das vantagens competitivas requerem a melhoria das infraestruturas, regulamentação e capacidade de atração de IDE”

Os números

Portugal	Croácia
Estado, economia e finanças	
Gastos do Estado (% do PIB)	
48,2	41,9
Défice do orçamento do Estado (%)	
9,1	5,1
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	
59,9	11,3
Poupança global (% do PIB)	
10,0	21,7
Consumo das famílias (% do PIB)	
66,8	56,9
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	
129	88
Receitas do Estado (% do PIB)	
38,8	38,7
Carga fiscal sobre as empresas (%)	
25	20
Competitividade e inovação	
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	
46º	77º
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	
-7,7	-3,3
Investimento direto estrangeiro em 5 anos (% do PIB)	
2,4	5,92
1º destino de exportações (%)	
UE 73,1	UE 60,5
2º destino de exportações (%)	
Angola 7,2	Bósnia 12,8
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	
+32,6	+34,48
Contributo da agricultura para o PIB (%)	
2,3	6,7

Portugal	Croácia
Mercado de trabalho	
Taxa de desemprego (%)	
11,2	13
Participação feminina (%)	
61,6	51
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	
6	4,8
Justiça	
Advogados por 100 mil habitantes	
260,2	84,7
Policías por 100 mil habitantes	
520	450
Saúde	
Despesa (% do PIB)	
9,9	5,3
Médicos por 100 mil habitantes	
380	266
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	
560	558
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	
337	547
Mortalidade infantil por mil nados vivos	
3	4,5
Defesa	
Gastos militares do Estado (% do PIB)	
2	1,81

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

BÉLGICA 10,8 milhões hab. PIB €339 mil milhões	RÉP. CHECA 10,5 milhões hab. PIB €136,9 mil milhões	CHILE 17 milhões hab. PIB €117,7 mil milhões	IRLANDA 4,5 milhões hab. PIB €163,4 mil milhões	FINLÂNDIA 5,3 milhões hab. PIB €171,2 mil milhões	GRÉCIA 11,3 milhões hab. PIB €237,4 mil milhões	NOVA ZELÂNDIA 4,3 milhões hab. PIB €91,1 mil milhões	CROÁCIA 4,4 milhões hab. PIB €45,3 mil milhões	PORTUGAL 10,6 milhões hab. PIB €167,5 mil milhões	ÁUSTRIA 8,4 milhões hab. PIB €274,2 mil milhões
---	--	---	--	--	--	---	---	--	--

Portugal vs. Áustria

Portugal	Áustria
Salário mínimo mensal (em Euros)	
485	-
* Família com rendimento de €40.000*	
IRS anual (em Euros)	
3.526	780
Encargos sociais anuais (em Euros)	
4.400	7.180
Rendimento líquido anual (em Euros)	
32.074	32.040
Taxa efetiva total (%)	
19,8	19,9

* Rendimento anual do agregado.
Consulte os outros parâmetros de equiparação das famílias em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

73% é a percentagem da população austríaca que navega na Internet, muito superior à registada em Portugal, onde menos de metade da população, 42%, tem acesso à rede.

Pequena grande economia

Uma pequena grande economia poderia resumir o estatuto da Áustria, um país bem desenvolvido que soube atacar em casa as consequências da crise financeira global de 2008, depois de a recessão ter persistido até ao terceiro trimestre de 2009. O desemprego não disparou como noutros países da zona, em parte travado por subsídios estatais para que as empresas pudessem manter os trabalhadores no ativo. Medidas de estabilização e estímulos e a reforma dos impostos fizeram subir o défice orçamental para 5% do PIB em 2010, sendo o valor de 2008 de apenas 1,3%. Outra das áreas afetadas pela crise internacional foi a banca que, nalguns casos, chegou a ser nacionalizada para evitar a insolvência, dadas as perdas sofridas em operações no centro, a sudeste e a leste da Europa. Apesar de a Áustria cruzar culturas no centro da Europa e de ser destino turístico por excelência, nem todas as suas cidades têm o carisma da capital. Isso foi muito visível quando Graz, no Sul, foi capital europeia da cultura em 2003. Na altura do lançamento do evento, os responsáveis sabiam estar a inscrever a sua cidade pela primeira vez no fluxo internacional de turismo que passa por Viena e Salzburgo. De tal modo, que o balanço das atividades daquele ano sublinhou insistentemente o facto de os visitantes ali terem chegado de todo o mundo. O “milagre de Graz” ficou gravado na redefinição a que a cidade foi sujeita por meio de um programa cultural digno de Viena.

Geografia favorável

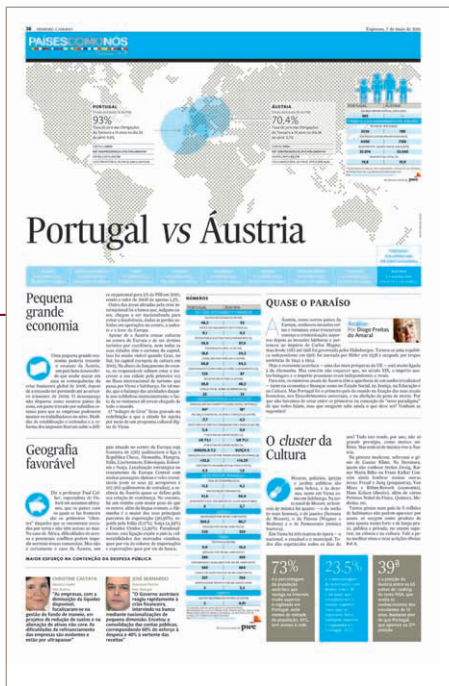
Diz o professor Paul Collier, especialista de Oxford em assuntos africanos, que os países com os quais se faz fronteira são os primeiros “clientes” daqueles que se encontram cercados por terra e não têm acesso ao mar. No caso de África, dificuldades de acesso e potenciais conflitos podem impedir normais trocas comerciais. Mas não é certamente o caso da Áustria, um país situado no centro da Europa cuja fronteira de 2562 quilómetros

o liga à República Checa, Alemanha, Hungria, Itália, Liechtenstein, Eslováquia, Eslovénia e Suíça. Localização estratégica no cruzamento da Europa Central com muitas passagens alpinas e vales transitáveis (com os seus 55 aeroportos e 107.262 quilómetros de estradas), a essência da Áustria quase se define pela sua relação de vizinhança. No entanto, há um vizinho com maior peso do que os outros: além da língua comum, a Alemanha é o maior dos seus principais parceiros de exportação (30,96%), seguida pela Itália (8,17%), Suíça (4,99%) e Estados Unidos (3,99%). Paradoxalmente, esta ligação expõe o país às vulnerabilidades dos mercados vizinhos, quer por via do volume de importações e exportações quer por via da banca.

O cluster da cultura

Museus, palácios, igrejas e jardins públicos são uma beleza, e às dezenas, tanto em Viena como em Salzburgo. Na terra natal de Mozart, só festivais de música há quatro – o do verão (o mais famoso), o de janeiro (Semana de Mozart), o da Páscoa (Wagner e Brahms) e o de Pentecostes (música barroca). Em Viena há três teatros de ópera – o nacional, o estadual e o municipal. Todos dão espetáculos todos os dias do ano! Tudo isto rende, por ano, não só grande prestígio, como muitos milhões. Mas nem só de música vive a Áustria. Na pintura moderna, sobressai o génio de Gustav Klimt. Na literatura, quem não conhece Stefan Zweig, Rainer Maria Rilke ou Franz Kafka? Convém ainda lembrar muitas outras áreas: Freud e Jung (psiquiatria), Von Mises e Böhm-Bawerk (economia), Hans Kelsen (direito), além de vários Prémios Nobel da Física, Química, Medicina, etc. Tantos génios num país de 8 milhões de habitantes não podem aparecer por acaso, só surgem como produto de uma aposta muito forte e de longo prazo, pública e privada, no ensino superior, na ciência e na cultura. Vale a pena meditar nisso e tirar as lições óbvias.

D.F.A.



Expresso, 7 de maio de 2011

39^a é a posição da Áustria entre os 65 países do ranking do teste PISA, que avalia os conhecimentos dos estudantes de 15 anos. Bastante pior do que Portugal, que aparece na 27^a posição.

Quase o paraíso

Análise de Diogo Freitas do Amaral

A Áustria, como outros países da Europa, conheceu invasões celtas e romanas; estas trouxeram consigo a cristianização; suportou depois as invasões bárbaras e pertenceu ao império de Carlos Magno; mas desde 1282 até 1918 foi governada pelos Habsburgos. Tornou-se uma república independente em 1918; foi anexada por Hitler em 1938 e ocupada por tropas soviéticas de 1945 a 1955. Hoje a economia austríaca – uma das mais prósperas da UE – está muito ligada à da Alemanha. Mas convém não esquecer que, no século XIX, o império austro-húngaro e o império prussiano eram independentes e rivais. Para nós, os números atuais da Áustria têm a aparência de um sonho irrealizável – tanto na economia e finanças como no Estado Social, na Justiça, na Educação e na Cultura. Mas Portugal foi o primeiro país do mundo na fixação das suas atuais fronteiras, nos Descobrimientos universais, e na abolição da pena de morte. Por que não havemos de estar entre os primeiros na conceção do “novo paradigma” de que todos falam, mas que ninguém sabe ainda o que deve ser? Venham as sugestões!

Maior esforço na contenção da despesa pública



José Bernardo
Assurance Partner
PwC Portugal

“O Governo austríaco reagiu rapidamente à crise financeira, intervindo na

banca mediante nacionalizações de pequena dimensão. Encetou a consolidação das contas públicas, correspondendo 60% do esforço à despesa e 40% à vertente das receitas”



Christine Catasta
Advisory Leader
PwC Áustria

“As empresas, com a diminuição da liquidez disponível, focalizaram-se na

gestão do fundo de maneiço, em projetos de redução de custos e na alienação de ativos não *core*. As dificuldades de refinanciamento das empresas são evidentes e estão por ultrapassar”

Os números

Portugal	Áustria
Estado, economia e finanças	
Gastos do Estado (% do PIB)	
48,2	53
Défice do orçamento do Estado (%)	
9,1	4,3
Dívida pública detida por estrangeiros (%)	
59,9	57,9
Poupança global (% do PIB)	
10,0	24,2
Consumo das famílias (% do PIB)	
66,8	54,2
Endividamento das famílias sobre o rendimento (%)	
129	87
Receitas do Estado (% do PIB)	
38,8	48,3
Carga fiscal sobre as empresas (%)	
25	25
Competitividade e inovação	
Ranking WEF de competitividade (total 139 países)	
46 ^o	18 ^o
Balança comercial de bens e serviços (% do PIB)	
-7,7	4,5
Investimento direto estrangeiro (% do PIB)	
2,4	9,8
1 ^o destino de exportações (%)	
UE 73,1	UE 71,1
2 ^o destino de exportações (%)	
Angola 7,2	Suíça 5
Variação dos custos por trabalhador em 10 anos (%)	
+32,6	+14,29
Contributo da agricultura para o PIB (%)	
2,3	1,5

Portugal	Áustria
Mercado de trabalho	
Taxa de desemprego (%)	
11,2	4,2
Participação feminina (%)	
61,6	66,4
Rendimento dos 20% mais ricos vs 20% mais pobres	
6	3,7
Justiça	
Advogados por 100 mil habitantes	
260,2	86,7
Policías por 100 mil habitantes	
520	320
Saúde	
Despesa (% do PIB)	
9,9	10,5
Médicos por 100 mil habitantes	
380	459
Enfermeiros e auxiliares por 100 mil habitantes	
560	664
Camas em hospitais por 100 mil habitantes	
337	769
Mortalidade infantil por mil nados vivos	
3	3,3
Defesa	
Gastos militares do Estado (% do PIB)	
2	0,91

* Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010. Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

PORTUGAL

10,6 milhões hab.

PIB €167,5
mil milhões**BÉLGICA**

10,8 milhões hab.

PIB €339
mil milhões**RÉP. CHECA**

10,5 milhões hab.

PIB €136,9
mil milhões**CHILE**

17 milhões hab.

PIB €117,7
mil milhões**IRLÂNDIA**

4,5 milhões hab.

PIB €163,4
mil milhões**FINLÂNDIA**

5,3 milhões hab.

PIB €171,2
mil milhões**GRÉCIA**

11,3 milhões hab.

PIB €237,4
mil milhões**NOVA ZELÂNDIA**

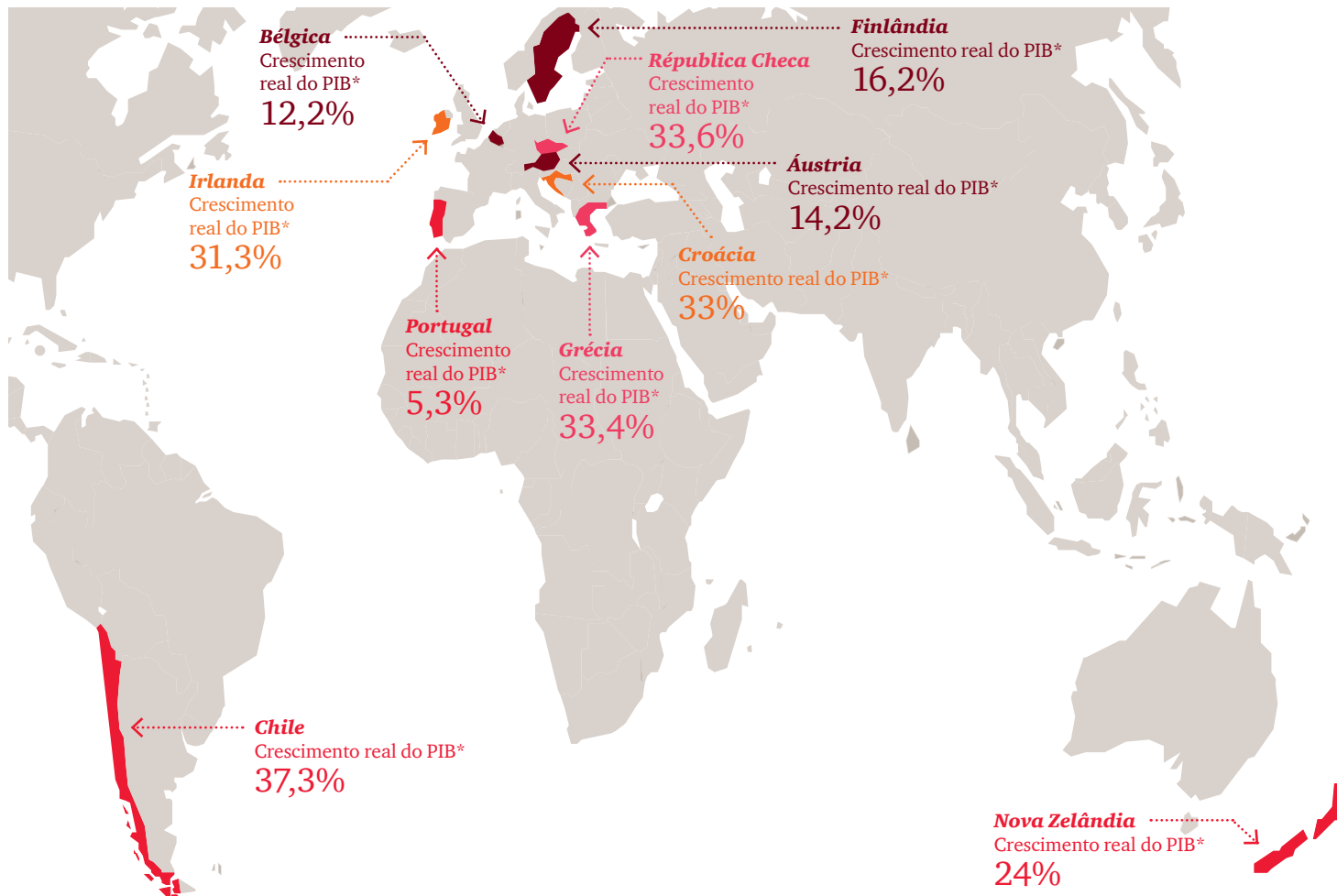
4,3 milhões hab.

PIB €91,1
mil milhões**CROÁCIA**

4,4 milhões hab.

PIB €45,3
mil milhões**ÁUSTRIA**

8,4 milhões hab.

PIB €274,2
mil milhões

* De 2000 a 2009

Os dados são os mais recentes disponíveis referindo-se a um intervalo de tempo entre 2004 e 2010.

Principais fontes: Banco Mundial, Eurostat e OCDE. Consulte todos os indicadores em www.expresso.pt/paisescomonos

Recolha e análise: PwC.

Portugal pode chegar lá

Estado e finanças

Do estudo ressalta que o rigor orçamental aproxima os países do desenvolvimento económico e social, sendo impressionantes os exemplos de Chile e Áustria. Isto porque o desequilíbrio das finanças públicas implica um esforço desmesurado para famílias e empresas, que têm de afetar fundos para o pagamento da 'conta' do Estado, prejudicando investimentos criadores de riqueza. No curto prazo, importa portanto (re)definir o papel do Estado e lograr um saldo orçamental primário estruturalmente nulo. Assim, e a par de uma exemplar redução dos custos de funcionamento do Estado, há que garantir a maximização da

arrecadação de impostos, com um máximo de equidade. Penalização do consumo e da fraude e eficácia da fiscalização e cobrança são, então, condições essenciais do êxito. Simultaneamente, as finanças públicas e o sistema fiscal deverão visar o crescimento económico, contribuindo para a competitividade internacional do país, com redução dos custos de produção e implementação de regimes fiscais altamente concorrenciais no quadro da União Europeia. São aqui relevantes os exemplos de Bélgica, Irlanda e República Checa. Com efeito, o crescimento económico implica um relançamento da marca Portugal e um reforço significativo



Expresso, 14 de maio de 2011

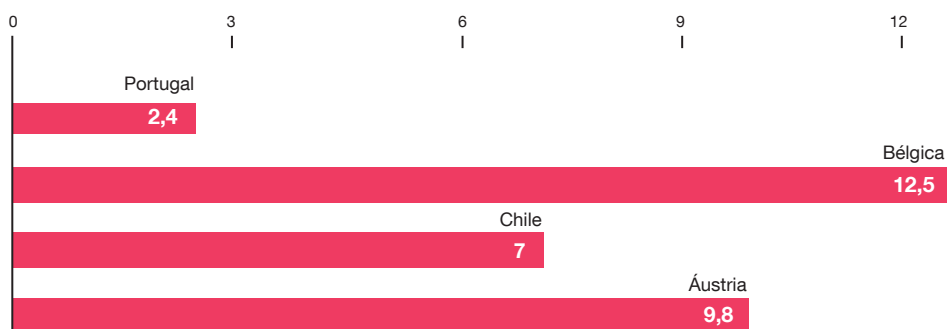
da vocação exportadora do país. Como se vê no estudo, apenas Grécia e Croácia, a par de Portugal, não apresentam uma balança comercial de bens e serviços positiva. Concomitantemente, importa captar IDE de qualidade (12,5% PIB em cinco anos na Bélgica) e promover o I&D (3,96% do PIB na Finlândia). A centralidade de Portugal nas novas 'autoestradas' marítimas, a sua inserção na zona euro, bem como a sua relação privilegiada com alguns países emergentes, incluindo a CPLP, aconselham um forte estímulo fiscal ao transporte e logística, bem como a promoção do 'efeito sede'. Para este efeito é necessário criar um novo regime jurídico-fiscal para as sociedades *holding* e reforçar a conexão internacional do país. A 'ponte' para o investimento entre a Europa e os países emergentes implica uma excelente rede de acordos sobre dupla tributação, segurança social e proteção de investimentos. Ao nível do 'efeito sede', a consistente política que vem sendo seguida pela Bélgica desde a década de oitenta, constitui um excelente referencial. Retomado o crescimento económico, o sistema fiscal, sendo simples, deve ter elevada estabilidade e pode então fomentar a mobilidade social, não sendo apenas a garantia de um mínimo de sobrevivência para os mais vulneráveis, permitindo uma classe média forte a exemplo da Áustria e Finlândia. Quanto mais cedo logremos um saldo positivo de um euro no orçamento primário, tão mais rapidamente poderemos aspirar a um desenvolvimento económico e social sustentável. Corresponderá isto a um novo paradigma? Passar pelo Chile para chegar à Áustria, pagando um euro por um sonho?

Jaime Carvalho Esteves
Tax Lead Partner, PwC Portugal

A 'ponte' para o investimento entre a Europa e os países emergentes implica uma excelente rede de acordos sobre dupla tributação, segurança social e proteção de investimentos.

Investimento directo estrangeiro líquido

Em % do PIB média de 2005 a 2009



PORTUGAL

10,6 milhões hab.

PIB €167,5
mil milhões**BÉLGICA**

10,8 milhões hab.

PIB €339
mil milhões**RÉP. CHECA**

10,5 milhões hab.

PIB €136,9
mil milhões**CHILE**

17 milhões hab.

PIB €117,7
mil milhões**IRLANDA**

4,5 milhões hab.

PIB €163,4
mil milhões**FINLÂNDIA**

5,3 milhões hab.

PIB €171,2
mil milhões**GRÉCIA**

11,3 milhões hab.

PIB €237,4
mil milhões**NOVA ZELÂNDIA**

4,3 milhões hab.

PIB €91,1
mil milhões**CROÁCIA**

4,4 milhões hab.

PIB €45,3
mil milhões**ÁUSTRIA**

8,4 milhões hab.

PIB €274,2
mil milhões**Competitividade**

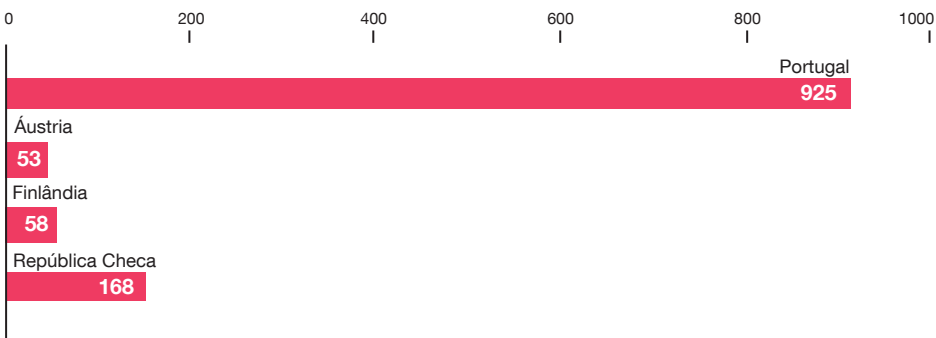
Imaginemos duas famílias. A Camões produz toalhas, e a Goethe carros de alta cilindrada. A 2ª gera riqueza e empresta denários aos Camões, que adquirem viaturas aos Goethe, e não melhoram a produção. Moral... Esta fábula humana ilustra as nossas conclusões. No estudo, Portugal é a 3ª economia mais terciarizada, a 3ª menos industrializada, onde o sector agrícola é menos produtivo. No mundo, os nossos bens e serviços são, em regra, preteridos, percecionados como de menor qualidade e/ou mais caros. O financiamento externo, intermediado pela banca, foi aplicado em importações e investimento de menor rentabilidade. A crise financeira internacional desnudou as nossas fragilidades, o volume das despesas governamentais alterou a perceção do risco, resultado? Ajuda externa e a 4ª maior taxa de desemprego. O apoio da troika não substitui um plano nacional para a competitividade, que evite a nossa permanência como protetorado europeu. As 4 prioridades: incentivar exportações e IDE; explorar agricultura e mar; flexibilizar, qualificar e motivar a força de trabalho; capturar I&D e doutorados, através do empreendedorismo na busca de tecnologia, emprego e orgulho. A 4ª visita depende de nós.

Nuno Martins

Senior Manager, PwC

Duração dos processos em 1ª instância

Em dias em 2008

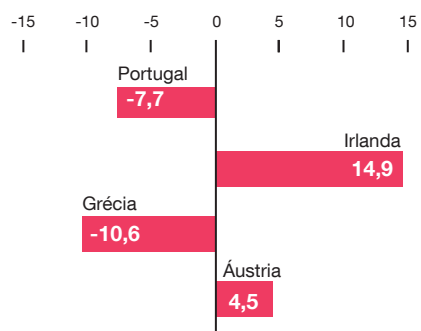
**Justiça**

Nós já sabíamos que o sector da Justiça está em crise e que esta vem crescendo todos os anos. Não por falta de investimento do Estado, que é comparável ao dos restantes países, mas por culpa, sobretudo, das leis processuais e dos governos – o Ministério da Justiça não tem sabido gerir bem o sistema. Anote-se que estamos em boa posição quanto ao número de juizes, notários, polícias e presos por habitante. O primeiro problema sério é o do número de advogados por 100 mil habitantes, que é anormalmente elevado (260), quando a Áustria tem 87, a Finlândia 34 e a Bélgica 156. Este excesso não pode deixar de refletir-se nas demoras processuais. O

pior problema é, porém, o prazo médio de duração dos processos até à sentença de 1ª instância, que é 15 vezes superior (!) ao da Áustria e Finlândia no cível e o dobro da média europeia nos processos criminais. Este é o mais claro sintoma de ‘crise da justiça’. E não se diga que a anomalia resulta apenas da paralisia da ‘ação executiva’: os atrasos são também colossais em certas ações declarativas, em todos os tribunais fiscais e nos tribunais administrativos de Lisboa, Sintra e Almada, para não falar noutros casos difíceis. Recomendações? Aprender com os bons exemplos da Bélgica, Finlândia e Áustria.

D.F.A.**Balança comercial de bens e serviços**

Em % do PIB em 2009



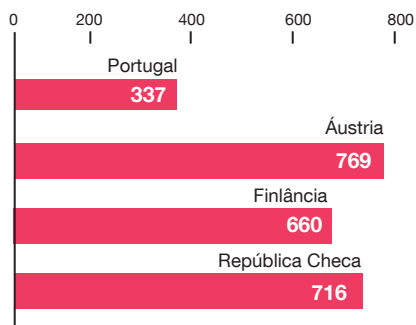
Educação e saúde

Com uma percentagem de despesas do Estado no PIB semelhante à dos outros países, a eficiência dos dois sistemas é bastante menor em Portugal. Na Educação, não temos problemas de maior no ensino primário nem no superior, mas no secundário: a média europeia dos jovens de 20 a 24 anos com o secundário completo é de 87%, mas a nossa percentagem é apenas de 55,5%! Também no número de anos concluídos no sistema de 'educação formal', estamos pior (com 8,5 anos) do que os países mais avançados (Áustria: 9,8; Finlândia: 11,2; Bélgica: 11,3); e também pior, estranhamente, do que o Chile (9,7), a República Checa (12,5) e a Grécia (10,9). Há aqui um problema muito sério. No caso da Saúde, a situação é também preocupante embora com um valor médio idêntico ao dos outros países no que respeita ao número de médicos por habitante, Portugal fica abaixo de todos os europeus, exceto a Grécia, no número de enfermeiros por 100 mil habitantes (560 contra 892 na Finlândia, 895 na República Checa e 1340 na Bélgica). Há que corrigir quanto antes esta situação, mesmo contra os interesses corporativos. Pior ainda é o número de camas hospitalares por 100 mil habitantes: 337 em Portugal, mas 660 na Finlândia, 716 na R. Checa, 654 na Finlândia e 769 na Áustria. O que será que estes números escondem?

D.F.A.

Número de camas hospitalares

Por 100 mil habitantes em 2008



© António Pedro Ferreira/Expresso

Conclusões do estudo

Análise de Diogo Freitas do Amaral

A principal conclusão da análise feita é a utilidade do método comparativo – será indispensável, doravante, que ele continue a ser usado. Há países da nossa dimensão que estão pior do que nós (Grécia, Irlanda, Chile); outros estão à nossa frente (Bélgica, Finlândia, Áustria); e há alguns que em

certos aspetos estão melhor do que nós e noutros pior (República Checa, Croácia, Nova Zelândia).

a) Estado e economia: deixámos crescer excessivamente o peso do sector público no PIB: em 1974, 24,7%; em 1980 33,3%; em 1990, 39,7%; e em 2010 49,3%. Foi de mais! E também nos endividámos em excesso, como o FMI confirmou.

b) Crescimento económico e emprego: temo-nos iludido com as delícias da terciarização, quando do que precisamos é de uma política de 'back to basics': forte investimento na agricultura, floresta, mar e indústria exportadora ou substitutiva de importações. E precisamos de consumir menos, bem como de poupar e investir mais. É necessário reduzir as desigualdades sociais.

c) Política de desenvolvimento: a médio e longo prazo, não temos nenhuma.

d) Eficiência e qualidade dos serviços públicos: se é certo que melhorámos, estamos francamente mal em muitos sectores. A mais séria crise é a da justiça, que entrou em fase de bloqueio, muito perigoso num Estado de Direito e numa economia aberta e sujeita à competição internacional. Os números não mentem.

Em conclusão:

menos Estado e melhor Estado; crescimento económico e emprego; menos consumo, mais poupança e melhor investimento; menos importações e mais exportações; e manter sempre o olhar sobre o que fazem os 'países como nós'.



www.pwc.com/pt/paisescomonos



Este documento foi impresso em papel composto de 100% fibras recicladas post-consumo e homologado com diferentes certificados ambientais.

Esta comunicação é de natureza geral e meramente informativa, não se destinando a qualquer entidade ou situação particular, e não substitui aconselhamento profissional adequado ao caso concreto. A PwC não se responsabilizará por qualquer dano ou prejuízo emergente de decisão tomada com base na informação aqui descrita.

© PwC 2011. Todos os direitos reservados. Neste documento PwC refere-se à rede de entidades que são membros da PricewaterhouseCoopers International Limited, cada uma das quais é uma entidade legal autónoma e independente.